

**TEXTOS
CRUEIS
DEMAIS
PARA SEREM LIDOS
RAPIDAMENTE
ONDE DORME O AMOR**



sumário

Pular sumário [»»]

do perdão

da cura

do amor

TCD

sobre os autores

créditos

onde dorme o amor é pra quem esteve por muito tempo à procura dele. olha. vê. seu corpo regenerado é exatamente como ele. você levantando da cama depois de um dia difícil é exatamente ele. o simples ato de tentar é ele, o amor, em sua plenitude. o amor dorme contigo porque ele é, sobretudo, você. porque, por mais distante que você esteja da cura e do perdão, há um caminho lindo e recompensador bem à sua frente. você só precisa ver.

do perdão

*são as rachaduras na terra
que fazem os rios
se tornarem grandes*



constelação

que o universo não me perdoe
por tentar com tanta força
ser feliz.

atrito

não tem como estender bandeira
pedir paz
fazer as pazes
dar as mãos
tentar qualquer compreensão
com alguém que feriu
e permitiu que a ferida
fosse casa pra jardins maiores

*nenhuma amenidade
cabe no abraço entre
a mão e o espinho.*

despedida

hoje gosto de lembrar de quando te vi partir levando com você o seu gosto de cigarro suas mãos que conheciam todos os meus caminhos seu corpo quente que encaixava no meu e todas as minhas esperanças de que um dia, quem sabe, você me amasse também.

gosto mais ainda de lembrar de quando você tentou voltar e eu disse não porque não queria ser mais um corpo na sua lista: um depósito uma lembrança remota.

you were gone for the last time

quando eu já remendava sozinha minhas cicatrizes e era capaz de ser forte a ponto de não permitir que voltassem a arder por sua causa.

foram segundos, minutos, horas, dias, meses *um ano*

até que eu esquecesse do tom exato dos seus olhos da sensação da sua boca tocando partes inexploradas do meu corpo das suas histórias

nunca reconhecidas como verdadeiras nem como inventadas.

apesar de tudo

eu me esqueci de você e foi melhor assim.

engolindo toda a dor e todo o medo eu segui.

me tranquiliza saber que você fez o mesmo.

bandeira branca

te isento da culpa porque o maior milagre do perdão acontece em nós. porque recuperar memórias é reviver momentos, e eu precisava parar de repetir a queda. porque, quando deixei você voar com todas as lembranças ressentidas, sobrou espaço pra coisas novas. e pro que era bom. e sobrou espaço pra que meus olhos admirassem a beleza que existiu quando você foi o ponto mais alto da minha vida. sobrou espaço pros dias em que você ainda era um protótipo de paz.

te isento da culpa porque o amor nem sempre vem vestido dos mesmos adjetivos, e o seu veio com um véu de covardia. você não foi cruel por ter um jeito de amar diferente do meu. às vezes um passo é o máximo que os nossos pés aguentam. os meus aguentariam milhares de quilômetros se eu não tivesse que carregar você com todos os seus pesos.

te isento da culpa também por todas as vezes que você achou que não carregá-los era o meu desamor por você.

na verdade, era o meu amor por mim mesma.

te isento porque ninguém é obrigado a encarar as profundezas de alguém. porque não querer ir além não te torna fraco. porque a sua covardia pode ser o defeito que sustentou todas as outras partes.

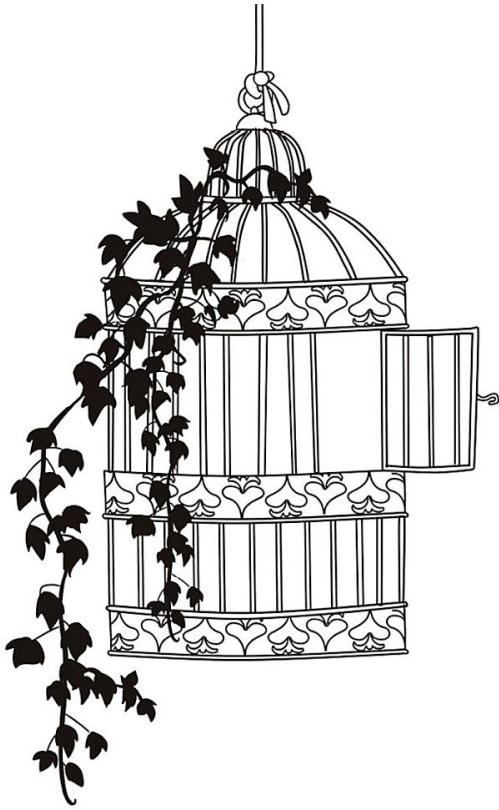
o amor não nos torna escravos. amar não é ir até onde não se aguenta mais. se preferem dizer que o melhor de amar é fazer tudo pelo amor, isso inclui saber quando ir. e você soube.

te isento da culpa porque o fim, apesar de ter doído, preservou.

a história.

a memória.

nós.



ponto de vista

o que te faz acreditar
ser melhor que alguém
só porque você
erra diferente?

não era pra sempre

o dia em que você foi embora sem sequer me olhar nos olhos foi quando eu entendi que não deveria mais insistir no que não existia.

porque eu te amei.

te amei pelo seu jeito, pelo tom da sua voz
pelo seu beijo.

quis passar tantas e tantas noites te fazendo cafuné enquanto você contava suas histórias no meu colo.

eu quis te namorar.

mas, pra você, eu era uma distração alguém com quem gostava de conversar.
você gostava do meu beijo
do jeito que nossos corpos se esquentavam quando perto um do outro
antes mesmo do toque.
era apaixonado, no máximo
pelo prazer que eu poderia te proporcionar.

e você realmente não era obrigado a me amar como eu te amei.
não mesmo.

eu é que deveria ter te perguntado antes
assim, quem sabe, poderia ter evitado as humilhações e todas as vezes em que me senti exposta, frágil, pequena e inútil por sentir tanto por alguém que não poderia me retribuir *e nem precisava.*

eu teria evitado o dia em que você viu as lágrimas correndo pelo meu rosto e tentou me beijar como se isso fosse diminuir a minha dor e tudo que fiz foi chorar ainda mais.

por fim, você desistiu, virou as costas e partiu e foi naquele momento que eu entendi que jamais poderíamos continuar juntos.

que aquele sentimento imaculado e puro, capaz de me fazer sonhar com dias melhores perto de você,
já não existia mais, nem mesmo em mim, não do mesmo jeito.

foi assim que aceitei
– a contragosto –
a dor que a sua partida me causou.

no começo, eu me fechei pra esperar que aquela raiva inevitável de você fosse capaz de dar lugar ao perdão.

permiti que os meses se arrastassem e fui me acostumando com a minha própria presença, cada vez mais marcante na sua ausência.
fui cultivando meus hábitos solitários, descobrindo novos livros, novos filmes
novos passeios com novas pessoas experimentando outros gostos.

e depois

quando senti que tinha me libertado de você que as memórias já não eram capazes de me apavorar tanto fiz questão de te ver.

olhei bem pros seus olhos e vi que você queria o que tínhamos antes.
ainda que você não dissesse uma palavra a respeito o desejo ardia no seu rosto
mas não no meu.

tudo o que senti foi alívio por não te amar mais
por não sentir muito além de indiferença e do desejo de que você seguisse sua vida bem. tranquilo. leve.
e talvez com outra pessoa, se assim você quisesse.

com os meses, as dores passaram.
ficaram as lembranças
e a convicção de que mágoas e tristezas que parecem eternas
não duram pra sempre.

supermercado

you começa perdendo os dentes logo na infância porque a vida precisa, desde cedo, te ensinar sobre ciclos sobre o que a gente precisa abandonar pra dar lugar a passagens maiores e mais saudáveis.

depois, você se perde de vista da sua mãe suas mãos se desencontram das dela e de repente você já não sabe como encontrá-la.

quando a pele vai ganhando camadas
e os pensamentos vão ficando cada vez mais complexos
ela não está ali pra dizer que você está crescendo ela não está ali pra te dizer que o mundo está exercendo o poder dele sobre seus ombros
e que a vida está te ensinando a viver por conta própria e você perde não só quem julgava importante mas também quem, de uma maneira ou de outra, alimentou seu coração com expectativas falsas e projeções desonestas.

you agradece a perda, às vezes, e é através dela que passa a vê-la como ganho
you perde aquele amor que julgava essencial e, depois de meses latejando na memória, um dia, como num passe de mágica, seu organismo entende que aquele corpo estranho já não precisa estar ali
you perde pessoas que deitaram na mesma cama que você te olharam nos olhos, fizeram promessas quantos filhos?
te vejo semana que vem?

eu amo você

pra no outro dia você descobrir que perdeu
e continua perdendo

perde a fala

a conversa

o cheiro do pescoço

perde o afeto que existia entre vocês e a maneira de estabelecer a amizade perde a conexão, os momentos de prazer os filmes favoritos dos dois e os planos, as palavras no ar querendo dizer mais alguma coisa

esse é o seu momento de dizer qualquer coisa

porque você perde pessoas mas o que quer dizer a elas fica entalado na garganta e fica, na garganta e no peito, *tanta coisa*

voltar pra cama depois de perder o dente e guardá-lo debaixo do travesseiro é similar a perder alguém e querer colocar todas as memórias debaixo da cama debaixo da pele

da camada mais protetora

do coração: querer acreditar que do luto e da perda

conseguirá extrair uma vitória porque a gente perde cada vez que cresce

e o corpo ganha

forma

significado

cada vez que passamos a ver o mundo com olhos desacreditados

com a desconfiança

de quem sabe

que uma hora ou outra, vai perder o dente

a mãe

o amor

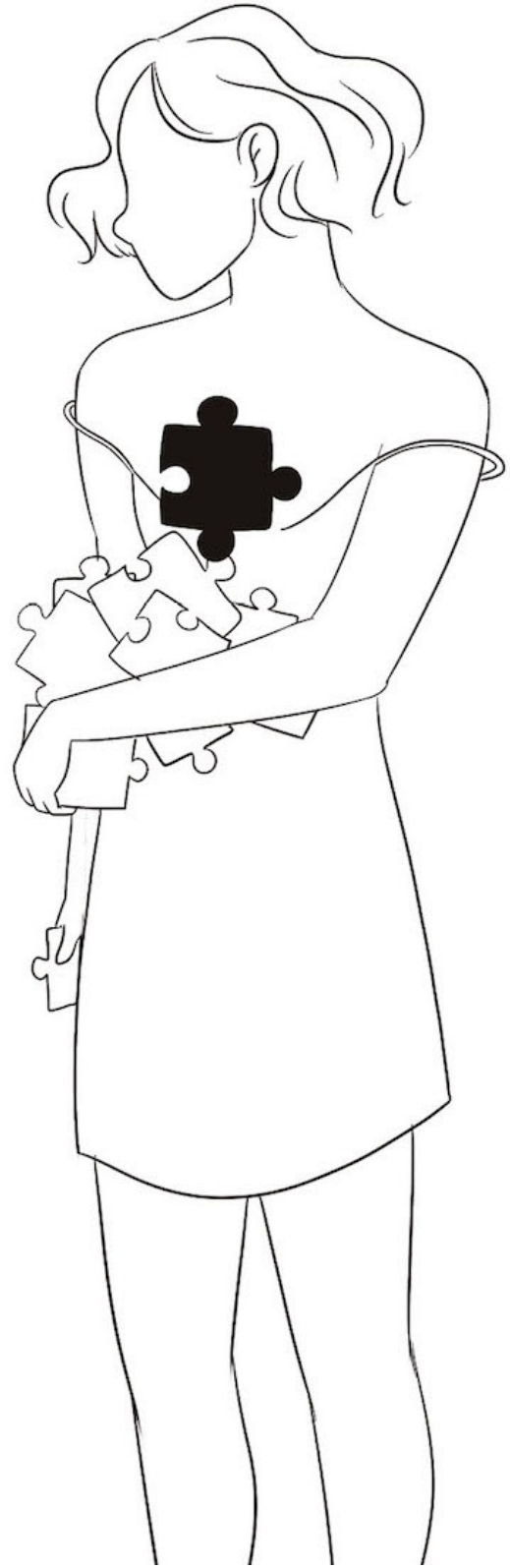
e tudo o que a vida, silenciosamente, vai colocando no nosso caminho

pra aprendermos.

ou não.

when the party's over

you get used to seeing people go. and they always leave. they don't make an effort to stay. they pass, they exchange words and leave. i ask them where they're going, because they're always in a hurry. they look at my eyes. they ask for anything. and leave. you get used to waking up the next day and nothing. no message. no goodbye. nothing that stays and that stays in memory. it would be easier if there was an end. but sometimes there isn't. sometimes, who creates a possible end is you. and the painful part is, creating a possible end. creating, because the end didn't come. because they weren't able to give it to you. because the only feeling they gave was one of abandonment. the departure. the certainty of never again. you get used to seeing people go. and one day, when someone comes to really stay, you, used to seeing everyone go, just open the door and make a bold invitation: *don't you want to go too?* you don't believe that someone will stay. and he stays – yes. but he didn't stay. you got it with a time limit. with the doors already open. with your eyes looking at the goodbye. you got it with trauma, just saying it would be impossible to be sure. and that's what happened. but there is still a lesson: when the next one comes, don't raise your guard. don't open the doors and invite them to go. don't close yourself up for love. don't close yourself up for the pain that can hang over your head too. and the most important: don't defend yourself from feeling everything at the same time, even though nothing remains. not anyone.



reticências

parte 1

do banheiro, você gritava algumas coisas sobre quem me tornei. *dois extremos*, muito boa ou muito ruim. muito o que eu gosto de ser ou muito o que você quer que eu seja. eu quis gritar. ir embora me fez grande demais e as roupas que eu vestia pra te agradar já não me cabiam mais. mas aquele sorriso de satisfação sempre pareceu verdadeiro. eu vivia tão mascarada dos trejeitos que você apreciava que nem percebeu.

gostaria que tivesse me escutado quando eu falava baixinho sentada no fundo de casa. hoje não abaixo o tom quando você altera o seu. você me chama de rude e eu lembro das tantas vezes que fui rude comigo porque aprendi que deveria ser a minha melhor versão possível com você. *o meu amor deve ser paciente*. eu respirava fundo e engolia o nó que trancava o ar na minha garganta. *o meu amor deve ser bondoso*. eu cumpria os afazeres minuciosamente pra que você encontrasse tudo pronto. *o meu amor não deve procurar meus interesses*.

eu engolia os meus sonhos e ambições porque eles entravam em conflito com a sua paz. *o meu amor tudo suporta*. eu suportava o peso da relação e todas as suas pendências. eu servia, sozinha, de amparo pra uma terra que estava sempre prestes a desabar. *o amor não guarda rancor*.

mas de repente eu não coube no casulo que você construiu. e a liberdade ressignifica conceitos e visões. foi isso, apenas isso. foi o amor que você me ensinou se ajustando ao que colidiu em mim. foi a paciência e a bondade que eu sempre dediquei a você, direcionadas a mim também. foram os meus interesses assumindo o controle dos meus atos de forma que eu estivesse cada vez mais perto de concretizá-los. foi o perdão que eu nunca consegui te conceder.

mas perdoar seria não sentir de novo os seus furores? ou senti-los de novo sem doer? seria rasgar as suas fotos? devolvê-las encarando o fato de que pra isso eu teria que te encarar? ou deixá-las no fundo da gaveta e recuperar a memória sempre que eu sentisse saudades? perdoar seria parar de ter náuseas toda a vez que eu sinto o cheiro do seu perfume? seria ser indiferente a ele? ou aproveitar

pra lembrá-lo? perdoar seria ver as fotos e sentir o cheiro mesmo que doesse até que não doesse mais? seria te humanizar mesmo quando você pareceu desumana?

não te perdoar é a minha humanidade?

parte 2

parei de tentar encontrar a solução pra como iríamos continuar depois de tantos espaços frios que você deixou em mim. o ato de se relacionar constrói a pessoa dentro de nós. o espaço ocupado por você geava, mas não danificava só aquele ponto. me danificava inteira.

eu entendi que aprenderia a me relacionar com você apenas quando aprendesse a me relacionar comigo mesma, porque isso me faria traçar pontos e limites. você não determinaria mais em que estação meu peito se encontraria. eu, sim.

entendi que perdoar não seria a sua libertação. seria a minha.

recuperei a sensibilidade que o tato vai perdendo porque a pele começa a ficar grossa demais e os receptores, menos precisos. e entendi que existe um processo lento até que essa percepção volte. e que os caminhos que os neurônios fazem vão sempre passar pelo seu cheiro e pelas suas fotos.

pode ou não doer pra sempre. mas a viagem continua.
as mágoas não determinam minha história.

você não é meu ponto final.

como quem arranca um curativo

não que um dia você tenha me pedido perdão, mas eu te perdoo.

eu te perdoo por todas as vezes que você me deixou sangrando e não usou um curativo pra aliviar a dor.

pelo dia em que você me viu chorando e, por medo de me encarar assim, virou as costas e simplesmente partiu.

por tentar voltar quando tudo que eu menos queria era te ver de novo, quando você sabia que só estar perto de você já me faria muito, *muito* mal.

te perdoo por não ter se afastado e ter insistido no vazio, por ter nos transformado em um *hobby*, por não ter sido honesto, por não admitir que ansiava pelo fim.

te perdoo por ter feito do pouco tempo que nos restava juntos um sofrimento lento.

você talvez nem se lembre de nenhum desses momentos talvez nem saiba de tudo que me fez sentir mas ainda assim, te perdoo porque eu não quero sentir raiva.

porque eu preciso perdoar pra arrancar de mim o pouco que restou de você

de uma vez só

como quem arranca um curativo e já não precisa recolocá-lo
porque a pele se regenerou.

agora, meu coração está finalmente curado e tudo que espero de você é que seja feliz.

partidas

te deixar sair da minha presença
foi doloroso demais
mas dar tchau pra você do meu corpo
foi como ser esvaziado
de sentimentos que eu nem sabia que dançavam aqui.

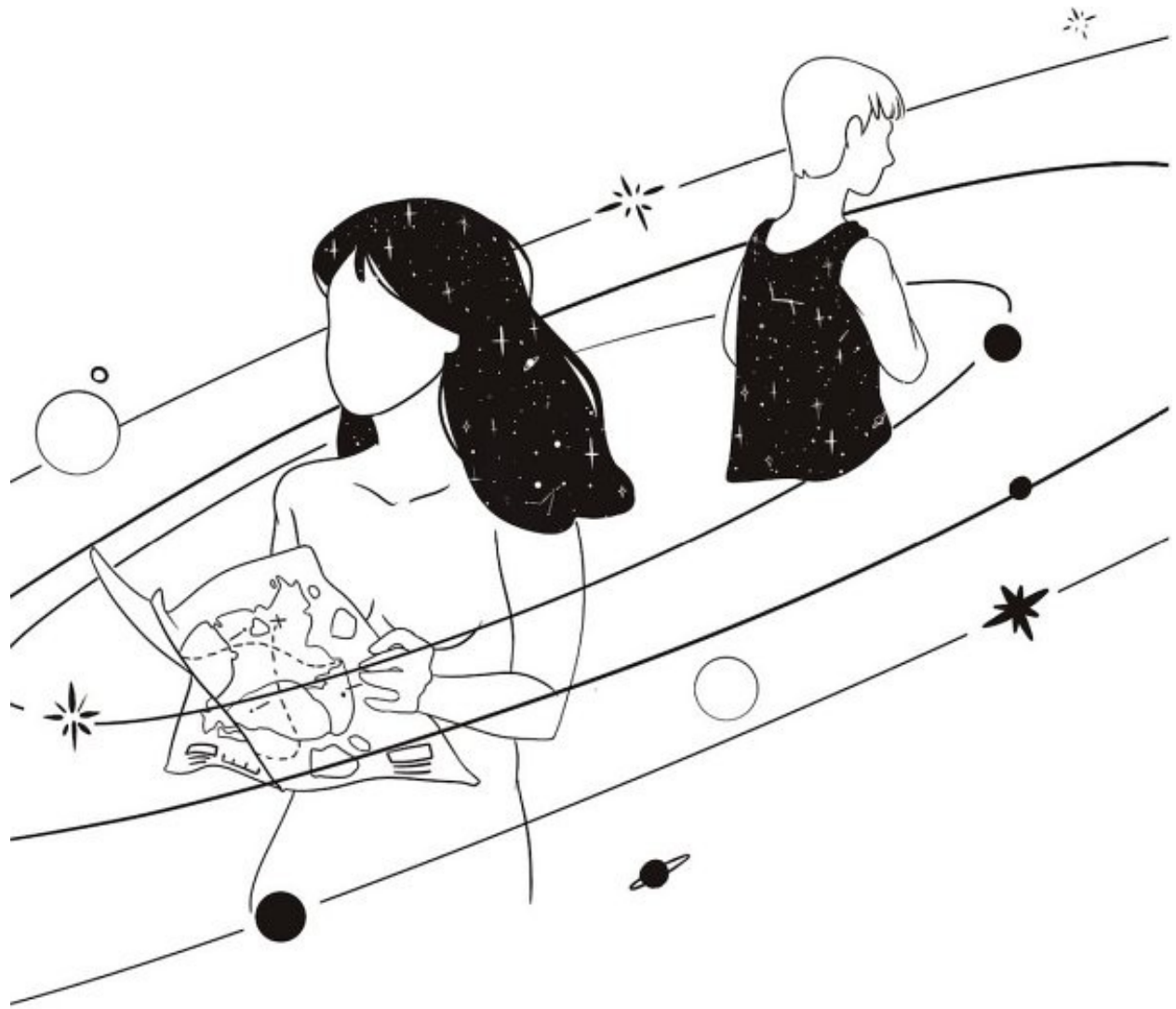
da alma um país

não quero te deixar como quem faz as malas, prepara a alma e vai viver em um novo lugar esquecendo da origem definitivamente, como se ela nunca tivesse existido.

não quero ir embora sem deixar marcas nem seguir a vida sufocando as lembranças que você deixou e ignorando tudo aquilo que trouxe seu rosto à mente.

quero recordar, sempre, ainda que as memórias antigas tragam um gosto amargo da vontade do que não se pode ter mais.

não quero esquecer porque parte de você agora me habita. porque, quando as nossas existências se cruzaram, transformamos as nossas histórias porque a sua passagem pela minha vida fez de mim outra pessoa e da minha alma um novo país desconhecido que, só agora, exploro *cidade a cidade*.



felicidade

sempre entendi a frase “você é o seu pior inimigo”, porque a cobrança pra que eu fosse *melhor* sempre veio primordialmente de mim.

*eu não queria ser só uma boa pessoa.
queria ser a melhor do mundo.*

quando cometia um erro qualquer, passava dias e dias revivendo-o, pensando nas palavras que deveria ter dito, na melhor maneira de me expressar, na resposta certa que agora parecia tão óbvia.

eu não conseguia me livrar da culpa.

achava sempre que deveria, pelos meus esforços incansáveis, conseguir tudo o que eu ainda não tinha.
e o que eu tinha nunca era suficiente.

eu não sabia esperar.

tudo o que mais desejava eram resultados imediatos, que me levassem do agora ao paraíso

em no máximo um minuto.

não compreendia o que eu era, sentia ou fazia.

além disso, havia *ingratidão*

porque eu não conseguia apreciar o tanto que já estava em minhas mãos, pensando no que ainda não tinha a chance de tocar *e talvez nunca tivesse.*

hoje

me perdoar quando os planos saem do controle ainda é um exercício diário

não é simples, nem fácil

mas é o que preciso pra me manter sã.

depois de me decepcionar com minhas expectativas altíssimas, aprendi a valorizar tudo o que tenho desde o que eu mesma conquistei até o que me foi dado.

desde a caneta com que agora escrevo este texto até os poucos (e valiosos) amigos que tenho.

ainda quero muito. *sempre tive sonhos gigantes.*
mas sei que já possuo tudo o que preciso pra ser feliz.

que eu, finalmente, me permita ser *e descubra as preciosidades escondidas nos
pequenos detalhes da vida.*

o que eu diria para o meu corpo

queria te pedir perdão
por todas as vezes que te transformei numa área em conflito
por colocar as mãos em você de maneira tão despretensiosa que não me dei
conta
de que você é o que de mais bonito existe no mundo.

pelas vezes que chorei por não te ter como ideal ou bonito e pelas vezes que ousei
te agredir verbalmente e com atitudes tão desesperadas de te fazer melhor que
não percebia
que estava piorando aquilo que era a sua função primordial: me proteger de
todas as quedas, arranhões e ataques externos.

queria te pedir perdão por todos os dias que te olhei com maus olhos
tanto que seria capaz de nunca mais olhar com amor ou apreço
– porque essas sensações me parecem grandes demais e eu às vezes te acho
pequeno – e implorar pra que me perdoe
pois no fundo percebo que tudo que você quer é me deixar confortável na
superfície da vida.
que quer me tornar um ser humano incrível ainda que com todas as falhas que
insistem em dialogar comigo.

te peço perdão por exagerar nas tentativas de me desfazer de você
e de te colocar pra baixo sempre que vejo outros como você, quem sabe mais
bonitos e agradáveis e por desejar, tão veementemente, ser como eles a ponto de
deixar que você não exista em mim e não me sustente.

pelas vezes que desejei qualquer outro que não você *eu me desculpo*

e pelos possíveis traumas que minhas mãos ocas e vazias te causaram
pela minha falta de sensibilidade em te perceber tão frágil e por não
compreender o milagre que é saber que você existe e consegue se movimentar
com tanta vontade.

te peço perdão por ser tão distraído que nunca entendi o esforço que você faz pra

que eu não tropece nas minhas próprias fraquezas,
pra que eu continue respirando e experimentando o ar limpo
da cidade
e do amor.

te peço perdão por tentar tão avidamente deslocar meus pés na direção contrária
à que você me leva pelas vezes que duvidei da capacidade que você tem de me
manter de pé
pelas vezes que desgostei de tantas curvas e cicatrizes que você desenhou em
mim pra me diferenciar dos outros, pra me tornar único e especial.
perdão, porque, ao te olhar,
seria capaz de não gostar de mim
e tem ato mais terrível e desesperançoso do que não gostar do que se vê?

te peço perdão por nunca ter te visto com olhos tranquilos, olhos de quem
observa beleza ainda que em momentos difíceis, e por estar sempre tão apressado
que perdi você crescer ficar mais forte
e firme.

peço perdão por todos esses anos duvidando que existisse beleza, afinal, em tudo
que sempre disse não ter:

olhos, boca, rosto, pernas, pés, cabelo e por tentar mudá-los ou melhorá-los
como se eu pudesse colocar a mão na minha essência e na minha luz
e conseguisse fazê-las voltar atrás.

perdão por querer voltar atrás muitas vezes por não te ouvir
te perceber
te enxergar
e por chegar aqui, neste texto, tão tardiamente.

autoperdão

não faz muito tempo que entendi que não precisava ser tudo aquilo que esperavam de mim.
que olhei pra trás e vi os tantos erros que já cometi e admiti ter magoado tanto pessoas que amo profundamente apesar de ter me arrependido todas as vezes.

não faz muito tempo que parei pra me observar e descobri dentro de mim os defeitos que ainda não sei como mudar e que agora então aceito e engulo como quem precisa tomar um remédio qualquer esperando que as dores passem.

eu vi de perto as chances que desperdicei por medo e soube que fiz o que pude ainda que não o que gostaria de ter feito.

eu escavei o passado com tudo o que fui e o presente com tudo o que sou, e ainda que não concordasse com todas as minhas ações muito menos com todas as partes de mim fui capaz de me perdoar pelos erros antigos pelas inseguranças atuais por tudo o que não pude controlar e por tudo o que ainda hoje não consigo modificar.

eu me perdoei
porque percebi que mereço o meu amor
o meu cuidado
e o meu respeito,
e esse foi o perdão mais bonito que eu já experimentei.

rachaduras e grandezas

eu vi o perdão
quando despreguei meus dedos da ferida quando meus olhos
buscaram outra perspectiva.
olhei por outro ângulo
e vi que existia beleza
além das ervas daninhas
das quais eu não tirava o olhar.

eu vi o perdão
quando percebi que existia um quintal inteiro de flores e grama verde regadas em
todas as vezes que eu chorei
enquanto a lembrança queimava e se perdiam os detalhes das memórias que
seriam irrecuperáveis, que nem mesmo as cartas e fotos no fundo da gaveta
trariam de volta.

eu vi o perdão quando não houve culpa por se perder o gosto do riso, a paz do
olhar na pele,
o barulho ameno das palavras não ditas, mas entendidas.

quando eu parei de tentar não perder as memórias.

o perdão veio quando reconheci quem me feriu como um trabalho em
andamento.
como alguém que também já foi quebrado.
como alguém que também lida com os ciclos e, depois de uma primavera
colorida e um verão iluminado,
encara um outono seco
e um inverno tortuoso de noites longas nas quais não encontra
nem a sua própria sombra.

o perdão veio quando, sabendo da minha tendência humana ao erro,
o humanizei.

senti a paz do fim quando entendi que são as rachaduras na terra que fazem os

rios se encontrarem fluírem
tomarem novas direções
levarem vida a lugares onde outrora não havia.

eu senti a paz do fim quando entendi: *são as rachaduras na terra
que fazem os rios
se tornarem grandes.*



sobre o que é divino e me alcança

invade meus poros dança no meu sangue
me chama pra respirar me coloca debaixo da sua graça protege minha memória
mais afetiva põe meu peito pra dormir em braços confortáveis sussurra que vai
ficar tudo bem pega minhas mãos, me olha nos olhos alerta que o caminho não
será fácil mas que passarei por ele da maneira mais forte
e resiliente possível porque é isso que ele me dá diariamente resiliência
e fé.

invade meus poros
dança no meu sangue
é um convite pra eu sentir o vento me dizendo
que toda dor irá embora depressa e eu sinto.

matéria-prima

um atrito entre duas pedras e faz-se luz.

os atritos, obrigada por eles.

you me fez acender até onde eu sequer sabia que existia vida em mim.

me fez pegar a matéria-prima ruim e transformá-la

em algo bom.

digitais

é imprescindível limpar
as mãos antes de tocar
em alguém
antes de acender
o primeiro beijo
antes de dar o último
e nunca mais voltar.



sem título

não te desejo mal. desejo que você se case. tenha filhos. faça o mestrado e doutorado que tanto quis. que vá para as Antilhas. que conheça o grande amor da sua vida. que seja o próprio amor da sua vida. que descubra novas formas de pedir perdão. que tatue a palavra *lealdade* no peito pra não esquecer nunca. que tenha mais tempo pra escrever. que me escreva um e-mail contando que a vida está mais leve. o trabalho fluindo. deus conversando com você à meia-noite de uma terça-feira. te desejo dias calmos, sem cobrança. dias onde a mágoa decide ficar do lado de fora de casa. dias em que a tempestade não faça barulho algum que é pra não acordar as crianças que dormem na sua cama. desejo que você amadureça, mas não faça disso uma busca incansável. que volte a andar de bicicleta. que dê risada até perder o ar em semanas em que a tristeza parece vencer o jogo. que não te falte autoconhecimento e descoberta. que ganhe na loteria. compre dois balões mesmo que não saiba como e quando usá-los. que viaje para a África. enfrente leões e elefantes. descubra-se revigorado e cheio de amor pra doar. que tome porres até não querer mais. que quebre a cara. mas que tente de novo e de novo e até faltar o fôlego. desejo que você não recupere o ar tão cedo. que viva na adrenalina de sentir qualquer mínima coisa, pra descobrir depois que a opacidade do mundo é confortável demais pra quem quer ser luz. que você se case. com seu próprio coração. que seus filhos, se existirem, saibam o tamanho da sua coragem ao abrir mão de mim. que os ambientes te consolem por você ser tão grande. *há pessoas que não cabem na existência. te desejo tudo imenso, porque eu não soube ser.*

da cura

*que susto será pra você
compreender que a vida
não só andou depois de
nós: ela saiu dançando.
e eu fui junto.*

sobre sempre irem

já não me surpreendo
quando alguém vai embora

às vezes até abro a porta.



inflamação

já vivi algumas histórias.

sei que nem sempre teremos onde nos esconder quando a tempestade vier.
nem sempre existirá uma árvore alta pra impedir que nossos pés entrem na correnteza.

enquanto escutarmos os trovejos enquanto virmos os raios
vamos querer o ponto mais baixo e nos sentiremos inseguros nos nossos pontos de escape.

já vivi algumas histórias.

sei que há diversas formas de ser destruída e que, dependendo de como vem a catástrofe, o lugar que outrora nos atraiu como refúgio não terá um sinal de vida sequer.

então estaremos perdidos.

e eu sei que pode não haver espaço nos mesmos barcos depois que o furacão acalmar.

e que poderemos ser salvos por coisas diferentes.

e que talvez não queiramos mesmo nos reconstruir no mesmo lugar.

sei que o perigo é iminente, mas viver é deixar que coloquem o dedo na ferida aberta, e só assim ter a possibilidade de ser curado. é uma probabilidade de pender ora para o lado bom, ora para o lado ruim.

um passo em falso e podemos ser destruídos. mas a ferida está latejando, de qualquer maneira.

o risco é se ferir.

só que você já está ferido.

o máximo que pode conseguir é a cura.

prioridade

*quantas vezes você provou sua lealdade a alguém
sendo desleal consigo mesmo?*



maré alta

você irá embora por amor a sentimentos que não sabia que existiriam dentro de você e entenderá: nada é mais importante do que manter os pés no chão e o coração descansado.

você irá embora por amor a sensações que mal sabia que cabiam no seu peito:
paz e calma
 porque outros já te amaram
 mas com tamanha força que você poderia se desintegrar inteira
 e você, agora, não quer nada assim você quer algo leve, que te traga pra perto sem sufocar.

você irá embora porque o desconforto cresceu dentro da sua barriga
 e não existe nada pior do que a existência do amor junto a sensações tão horríveis que seriam capazes de te fazer vomitar.
 você irá embora porque cada silêncio entre vocês é como um soco na cara
 e você, cansada dos socos, entende que nada vale a certeza de olhos bem abertos
 e a boca em estado de calma: nada pode tirar de você as noites de sono saudável.
 nada deve tirar de você a garantia de um presente estável e em conformidade
 com aquilo que você lutou pra ser.

você irá embora porque chamou isso de amor e às vezes se questiona se é amor
 mesmo se é qualquer coisa próxima ao amor, porque, se for, ainda está valendo
 mas qualquer coisa próxima ao amor, como súplica ou vontade,
já não é amor
é outra coisa

e você entendeu que “outra coisa” não vale mais.
 não sacia a garganta
 não liberta os braços
 não faz ficar.

você irá embora porque, ao acordar, perceberá a diferença entre amor e
 compaixão.

compaixão é quando você permanece porque ainda tem sol lá fora, tem cama arrumada, tem café da manhã tem riso alto e encantamento porque ainda tem uma porção de coisas que te trazem à tona e te fazem querer ficar.

só que amor não é somente o sol bradando da janela nem o café quente e o conforto da sua cama *não* é quando você percebe que, mesmo estando com a casa em perfeito estado, seu coração ainda está de cabeça pra baixo esperando o momento exato de partir.

você vai embora porque entenderá a sutil diferença entre tentar limpar todos os móveis pra salvar o cômodo e mudar todos eles de lugar pra repaginar o lar.

porque lar é uma pessoa, não um lugar.

você vai embora porque saberá que palpitação alguma é sinal de que o amor veio pra você.

porque, quando ele vem, o único órgão que tremula é o corpo da solidão andando mais depressa de você.

você vai embora porque perceberá que existe uma enorme diferença entre suas pernas bambearem e seu coração ficar manso como as águas do Pacífico e é aí, nessa constatação frívola de como o amor age na camada mais densa de nós que tentará outros caminhos, agora sozinha.

você vai embora e não vai doer, porque o que doía era não saber não saber que horas ele chegava se sabia das feridas e cicatrizes que você trazia com tanto afinco se sabia que você se desmanchava todos os dias.

porque era tudo, menos amor era medo de perder, era esperança de ficar, era revolta e nervosismo por cada palavra proferida erradamente, era ferida e cicatriz, era fome e sede ao mesmo tempo, era mágoa e rancor

às vezes perdão

menos amor. que não sustenta duas pessoas, é verdade, mas faz enxergar com clareza o caminho à frente.

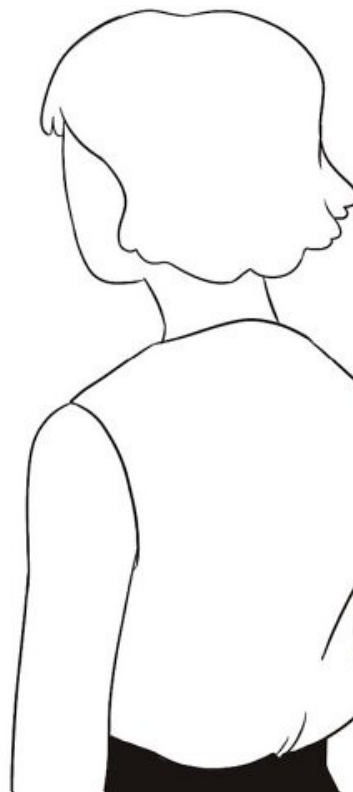
você vai embora porque amor pouco tem a ver com a respiração mais rápida com os pulmões mais tardios
com a pressa de querer conhecer a todo vapor.
porque ele tem a ver, quase sempre, com a boca silenciosa e os olhos marejados pelo afeto com seu coração não saltar pra fora, mas sim ficar aí dentro, tão quentinho, que nada o tira do lugar.
com você sendo e estando tão completa, que ar algum faltará na hora de experimentar alguém entrando na sua vida
construindo um templo
fazendo o que o mar faz do céu à noite:
uma perfeita e introspectiva sintonia para a paz de um dia seguinte.

solo

não te empurrei porta afora mas precisava reconhecer meus limites porque a cada dia que passava você delimitava espaços maiores pra si e eu perdia áreas dentro de mim até que te vi dominando minha superfície e quando eu tentava me recuperar você vinha reivindicando com argumentos fajutos, até cruéis, as tuas terras.

*mas não existe
nunca existiu
contrato que me prenda a você.*

o amor não é um negócio e o meu peito nunca foi sua propriedade.



encruzilhada

you will want to be better
when you realize that your lies
did things to me,
but that the worst consequence
was you who reaped
by looking to the side
and not finding me there.

morte em vida

a morte de quem se ama é sempre difícil.

a princípio, só dói.

you conserva lembranças que machucam: lembra dos olhos, hábitos,

do jeito que o cabelo caía no rosto, do que ela gostava de fazer antes de dormir.

dos livros favoritos. dos filmes, músicas que cantarolava por aí quando estava feliz.

de todos os momentos juntos.

a dor demora dias, meses, anos até a lembrança se transformar em uma saudade boa, em uma sensação de abraço

ainda que os corpos nunca mais se toquem.

um término é a morte em vida

e também dói, machuca, dilacera.

talvez doa mais porque se poderia tocar a pessoa, talvez ela ainda more perto de você e há uns meses vocês estivessem rindo e sentindo como se o fim nunca fosse chegar.

mas chegou.

e quando chegou, você manteve as lembranças do último jantar juntos, da última risada, da bebida favorita.

de como ela te fazia sentir.

a diferença é que você sabe que se trata de uma escolha, seja de ambos ou de um só.

you sabe que poderiam estar próximos.

talvez ainda se amem.

quem sabe queiram largar tudo

e se encontrar naquele cinema hoje mesmo ou arranjar uma desculpa qualquer pra se ver, porque chegaram no ponto

em que precisam de desculpas pra isso.

mas vocês não vão.

porque a relação morreu.

infelizmente o amor não basta.
e o fim dói.

mas é uma dor que também passa, ainda que não pareça.

e você vai querer o bem dele, e que tenha um futuro incrível pela frente.
que faça planos e experimente novos sabores de café, sozinho ou não.
que conquiste algumas das coisas que mais desejava nos tempos em que
estiveram juntos.

você vai entender que ciclos terminam e que não é possível forçar um recomeço
quando não tem mais como dar certo.

e vai aceitar sem se sentir mais tão mal pela perda.

hoje, talvez, você ainda não saiba mas o seu destino, não importa o tipo de morte
que vivenciou, sempre será seguir.

os nossos lugares

mãe,

sempre quis te dizer como me doeu toda vez que você não me enxergou de verdade e só viu projeções de outras pessoas.

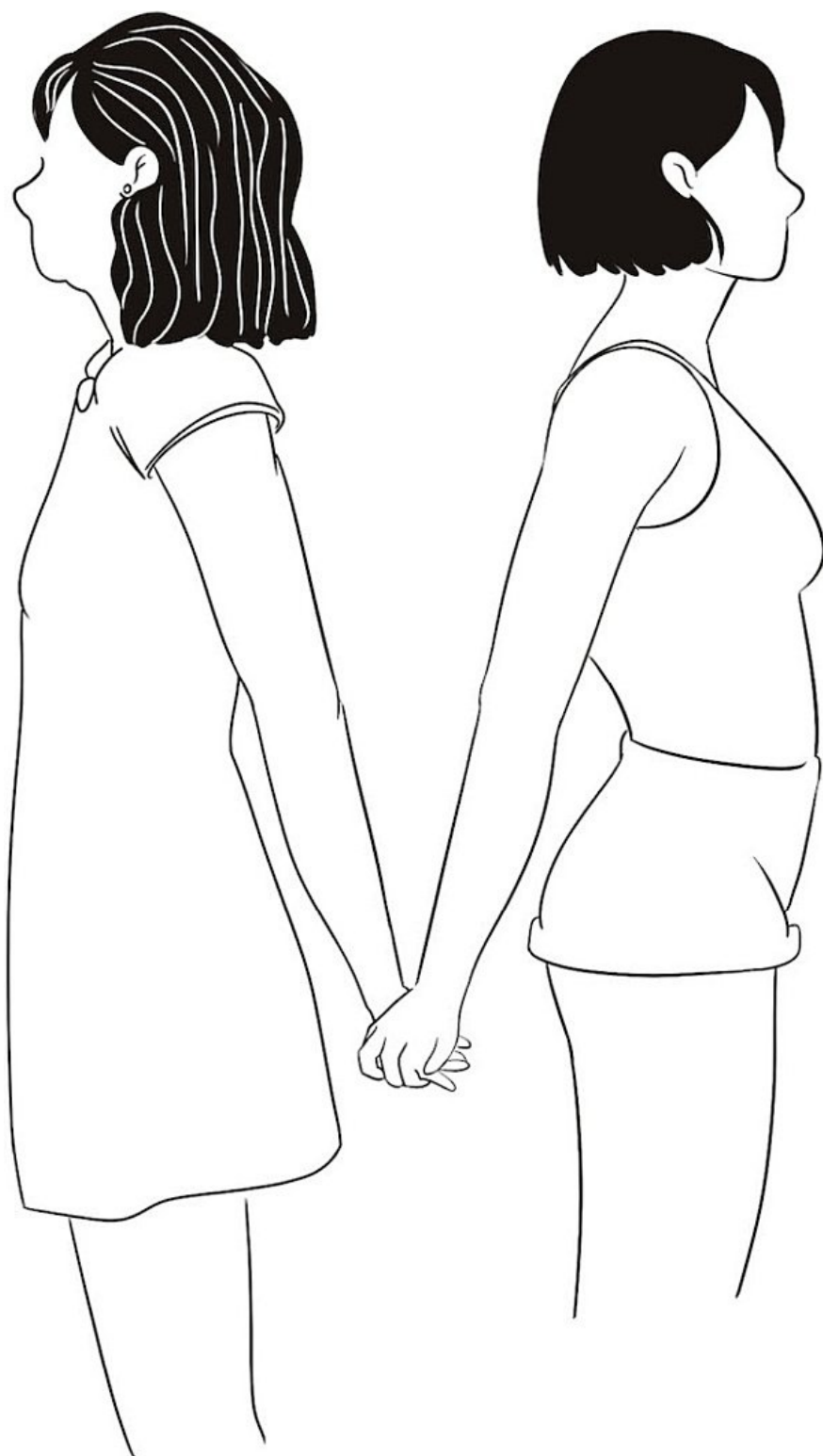
como foi difícil ter que te afirmar, apesar de toda a minha insegurança, que eu não seria capaz de realizar as expectativas que você depositou em mim

que eu teria que seguir meu próprio caminho fazendo minhas escolhas, *só minhas*

ainda que muito diferentes das que você esperava.

eu quis te contar, mãe que eu estava crescendo e fazia parte de crescer a sua dificuldade de segurar nas minhas mãos e dizer: *vai, filha, eu te aceito assim, como você é.*

não precisa mudar nada pra me satisfazer.



mesmo hoje, tantos anos depois de notar que eu não era mais aquela criancinha
que tinha medo do mundo
esse processo não terminou e nunca termina porque estamos sempre crescendo

de um jeito ou de outro – tanto eu quanto você – engolindo as mágoas que a vida apresenta e larga na porta dos nossos corações famintos por aceitação a aceitação que eu tanto quis de você e que naquele momento você não pôde me dar.

a verdade, mãe

é que a gente precisou da distância pra conseguir enxergar mais do que queríamos uma da outra.

foi com a proximidade pós-distância que você conseguiu me olhar e me ver pura e simplesmente

como sou

e eu pude olhar pros seus olhos e ver resistente

sobrevivente

ainda que à sua maneira tão diferente da minha: *você*.

foi quando notamos que éramos diferentes e que, por isso mesmo, ainda tínhamos tanto pra aprender uma com a outra

que nos descobrimos mais próximas do que nunca e nos colocamos no nosso lugar único

simples

e honesto

de mãe e filha.

prece

à noite

quando não tem ninguém acordado cresço meus ouvidos pra dentro do meu coração e tento ouvir o quanto de você ainda o habita ele sussurra, a cada batimento, *estou te deixando*

estou te deixando

estou te deixando

até que meus olhos se fecham com esse mantra noturno

– que pode não ser verdade – que no fim me conforta:

é meu coração te acenando, no ápice da solidão, *não preciso mais de você*

não preciso mais de você

não preciso mais de você

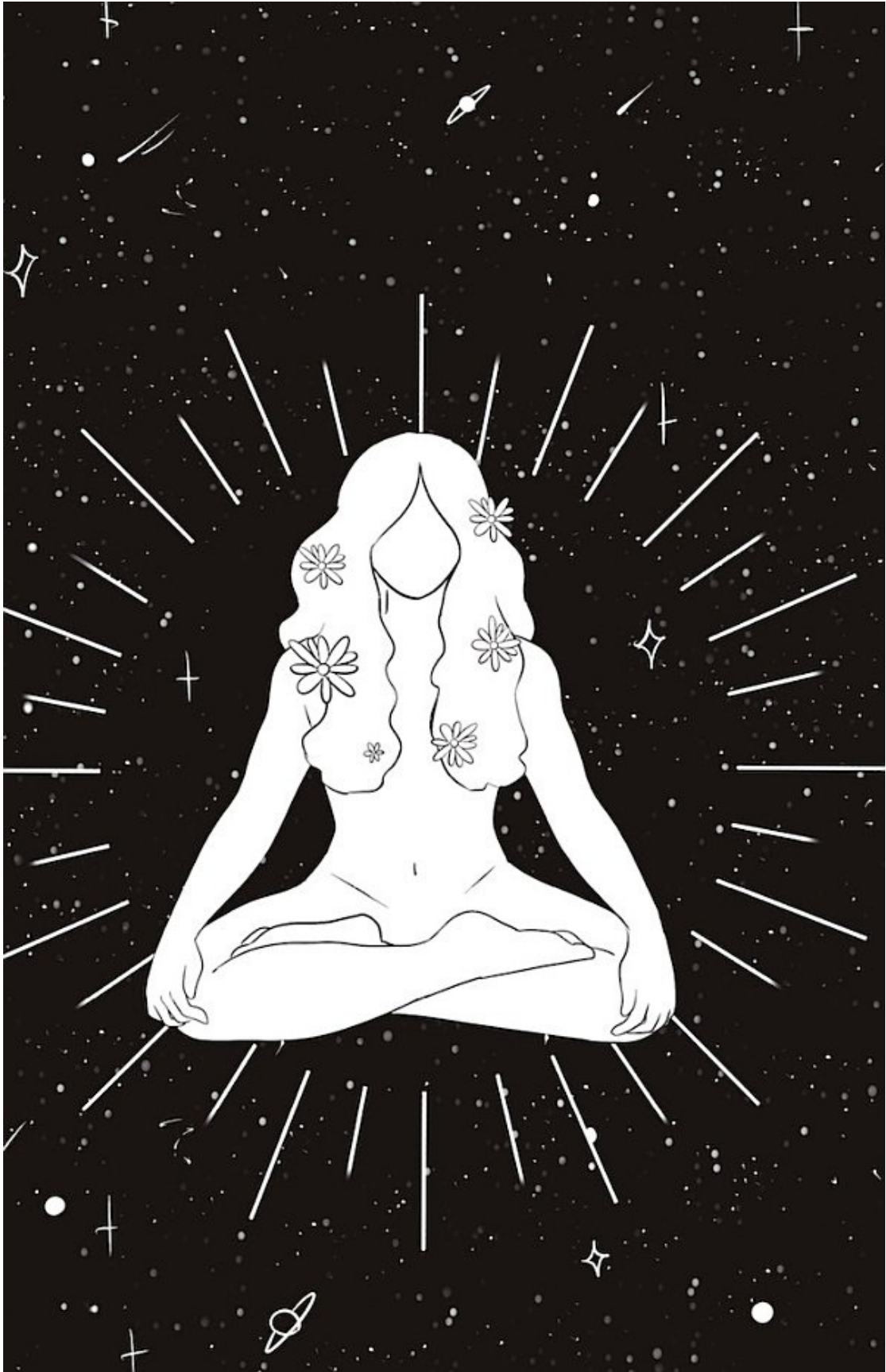
e durmo.

milagre

todas as vezes que acordou desejando que se arrependessem do jeito que te olham porque *você é diferente*
todas as noites em que se deitou desejando que vissem deus como você
(*eles o veem nas guerras e contam que a dor é consequência das suas próprias ambições.*
 você vê deus na bandeira branca que freia o dedo no gatilho)

as cicatrizes que deixaram aparecem mais do que você gostaria
as roupas não escondem o que foi marcado na alma e, ainda que não sangre mais, ainda que a carne podre tenha se recuperado, a memória está aí e nem a cabeça cheia depois de um dia corrido te impede de recordar e nem um dia corrido e um corpo cansado te impedem de deitar na cama e ainda ter tempo pra pensar e relembrar e sentir de novo.
é cansativo viver tentando organizar o que deixaram é triste pensar que amanhã tudo deverá ser arrumado outra vez
porque todos os dias os olhares as palavras ásperas te atingem
e ainda que tenha suas verdades concretas elas absolvem a todos menos a você.
você abre a porta de casa e se vê cansada
caída
cortada
e acredita que a culpa é sua que os danos em si são culpa sua que as críticas fazem sentido e ainda assim, quando sai e dá de cara com esse mundo brutal,
você deixa vazar luz por cada uma das suas crateras.
e ainda assim, você nasce todos os dias como o sol
mais forte
mais luminosa.
e ainda assim
você ama
como se o peito de quem te recebesse não fosse de cacos de vidro mas você é a
liga

e você não se importa de se doar.
você é diferente
porque é o milagre de todos que toca.



miragem

estou desmobiando a casa ainda guardo seus livros na estante os que eram meus favoritos também.

a sua escova de dentes está no banheiro mas, agora, dentro da caixa embaixo da pia com tudo que a gente não usava.

deletei as músicas

esvaziei a pasta de filmes

e apaguei você da lista de coisas que eu gostaria de ter no futuro.

estou desabrigando as memórias.

quase não me lembro da sua camiseta quando nos conhecemos

era uma camiseta ou um moletom?

estávamos em qual estação?

lembro de um feixe de sol porque seus olhos estavam semicerrados

ou era por causa do farol alto de algum carro que passava?

sempre disse que não temos nenhum tipo de poder sobre o que sentimos por alguém.

o amor descomunal que sentimos por uma pessoa, é ela própria quem constrói.

você, pouco a pouco, se construiu em mim e quando percebi, já havia dado terreno o bastante pro gigante que você se tornou.

você era altruísta

gentil

amável

e o espaço era cada vez maior e você era cada vez mais bonito a estátua mais linda no centro da cidade do meu peito e, tão de repente quanto se construiu, vi

você desabar tão pouco a pouco quanto se construiu, você caía e, então, era indelicado

desleal

hostil.

estou me desocupando de você

limpando as ruínas que deixou pra me construir aqui

no centro do meu peito

a estátua mais linda que essa cidade já viu.

agora inteira

me quebrei pra (tentar) caber nos moldes que você me impunha
mas eles sempre foram pequenos demais.

me espremia em busca de um canto em que coubesse mas nunca era o suficiente:
nunca bastava.

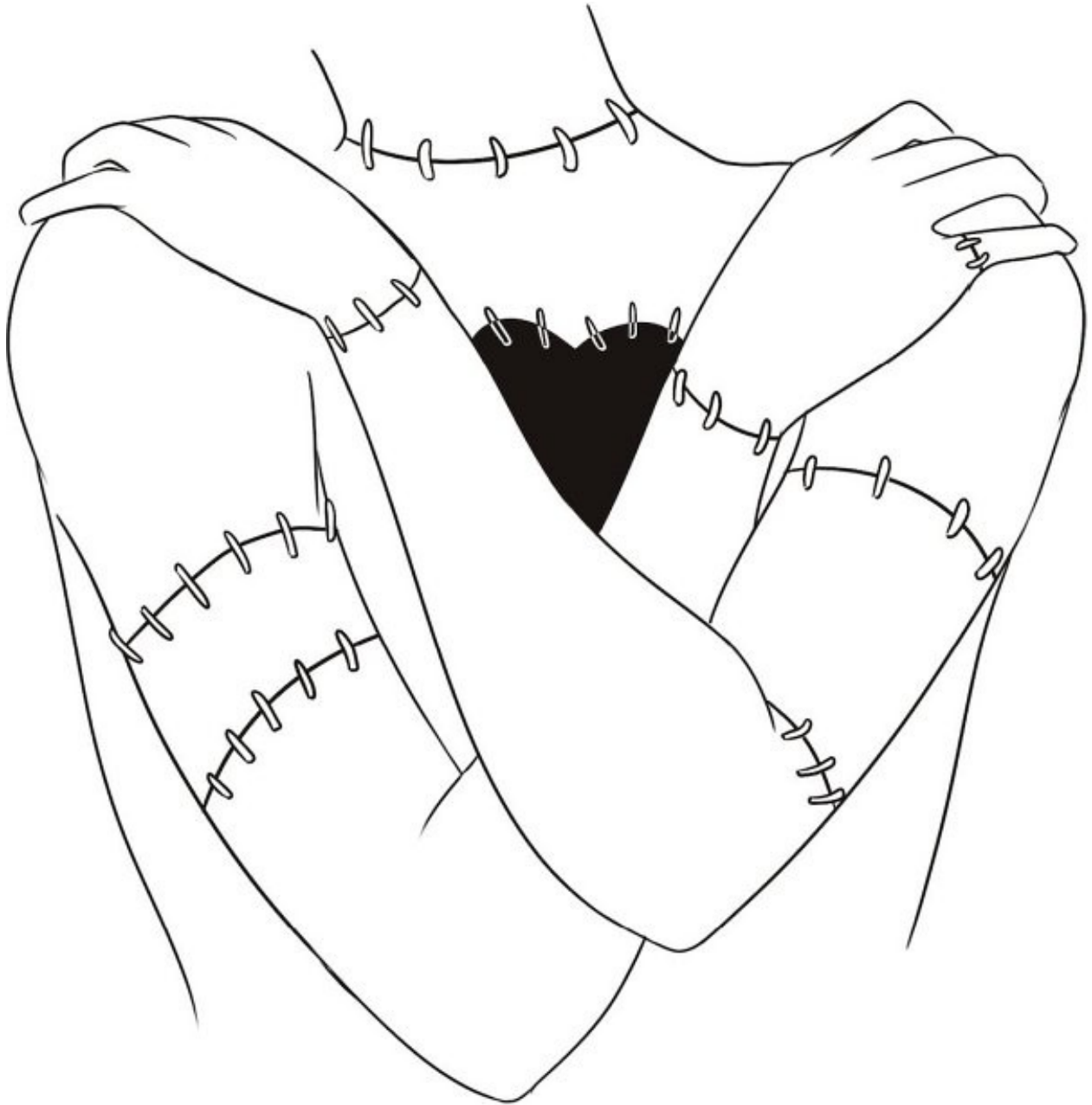
e, pra me ajustar melhor, fui retirando de mim pedaços importantes.

minha autopreservação, meu cuidado comigo meu jeito carinhoso de me
enxergar parte da minha alegria tudo pelo caminho

até que sobrasse pouco de quem eu era e de quem eu queria ser.

pra você, aqueles retalhos de mim foram o suficiente mas eu sentia saudade do
que fui um dia e do que nunca tive chance de me tornar *desde que abdiquei de
mim*

pra tentar ter você.



percebi que precisava recuperar aquelas partes ainda que, pra isso, precisasse te dar adeus.

entendi que sua alma não era extensão da minha e nem me fazia bem.

você foi uma manifestação da minha carência

alguém a quem eu tinha me apegado, por escolha e por isso agora tinha tanta dificuldade de soltar.

foi então que eu te disse adeus com lágrimas nos olhos e o coração pesado.

e doeu

*doeu muito, doeu tanto
tudo*

mas, pouco a pouco,
fui de novo encaixando em mim
todos aqueles sentimentos que eu até então desconhecia fazendo da alma mais do
que pedaços.

sem você me transformei
gradativamente
e com esforço
em uma mulher absolutamente inteira.

regeneração

você vai passar por muitos fins.

amizades. relacionamentos. ideias. hábitos.

por vezes, vai olhar pra trás e se questionar sobre como era uma pessoa completamente diferente.

vai abandonar crenças

entender que nem sempre tudo sai como você espera – e não há nada de errado nisso.

novos destinos, mesmo que diferentes dos esperados, podem ser surpreendentes e surpreendentemente te ensinar muito sobre a vida e sobre você.

será difícil lidar com surpresas com as despedidas que independem da sua vontade e os fins que deixam marcas podem te deixar com medo de mais uma entrega.

haverá dias em que você não terá forças pra se lembrar de que o momento ruim é passageiro, como todos os outros

e só vai dormir e agir como se não sentisse nada porque acreditará que dias melhores estão tão *tão* distantes

que talvez você não consiga sequer atravessar as pontes que precisa pra encontrá-los mais uma vez.

mas de alguma forma você usará sua resistência pra seguir *toda*

porque é isso que aprendeu a fazer ao longo da sua vida: *seguir, tentar, errar, perder, chorar*

quebrar a cara.

errar de novo.

vivenciar uma conquista inesperada.

tentar mais. perder mais.

cair e achar que suas pernas não têm mais força pra se levantar.

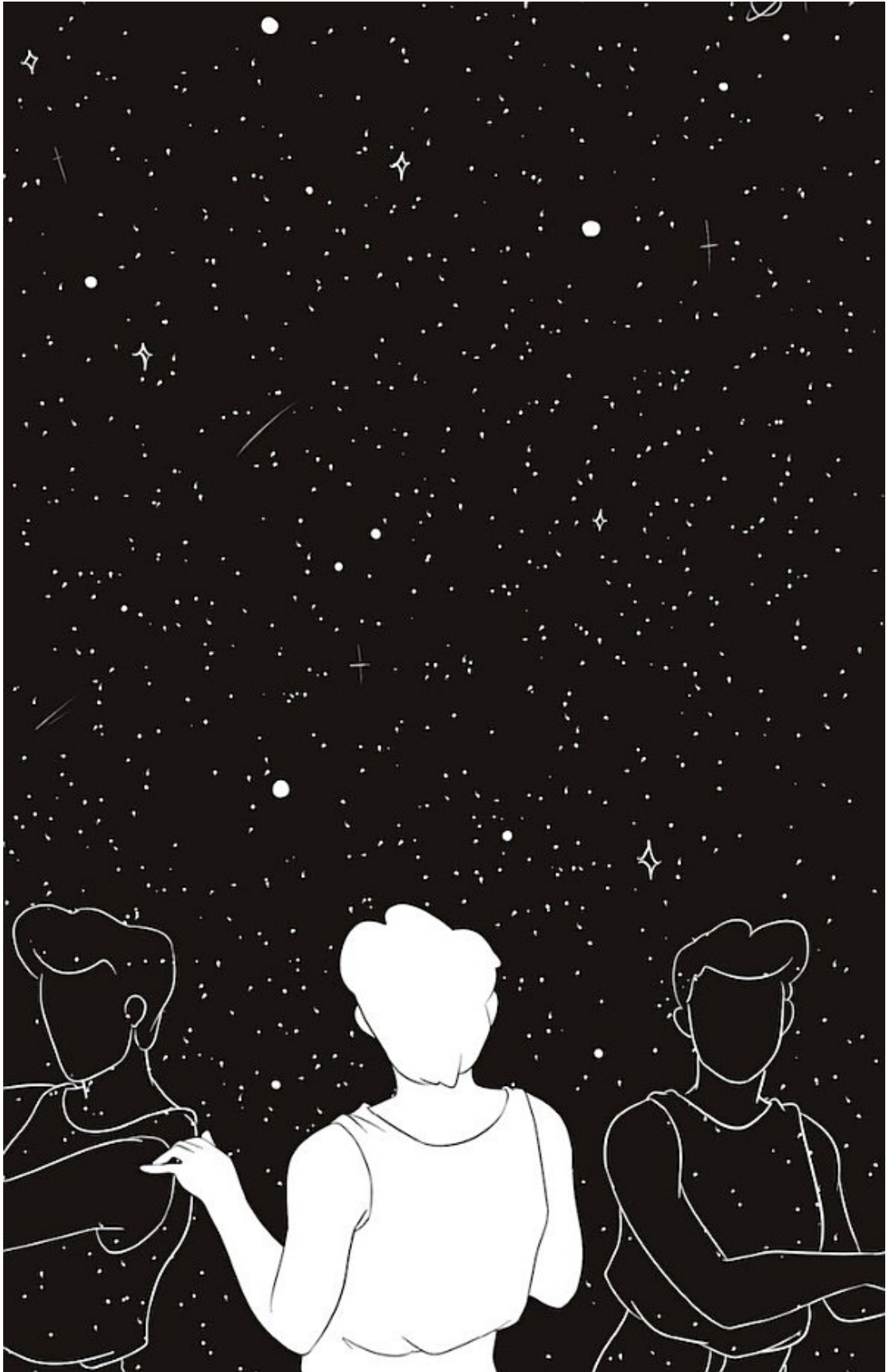
se ver novamente de pé.

você seguirá, sim

lidando com cada um desses passos na sua trajetória à sua própria maneira
até redescobrir o caminho que imaginava extinto em direção aos momentos
melhores que ainda estarão
por lá
te esperando
ansiosamente.

erro

meu maior erro foi esquecer que eu não poderia
te oferecer nenhum pedaço
sem que antes
sozinha
me fizesse inteira.



calça jeans

que susto será pra você me encontrar grande e maduro com os braços abertos, sabendo que amar é deixar ir. que tudo que é nosso um dia volta, nem que seja pra dar adeus e nunca mais. que susto será pra você me encontrar realizado. com aquele jeans velho que você detestava. com aquelas certezas que desafiavam o seu poder sobre mim. eu ainda mantenho todas elas pra que nunca me falte lucidez. porque amar também é ser lúcido. pra ir embora. pra desatar o nó. pra abrir mão de alguém que machucou e ir de encontro à única pessoa que sempre esteve ali. eu mesmo.

que susto será pra você me enxergar pleno e confiante dançando com a solidão sem que ela me doa.

que susto será compreender que a vida não só andou depois de nós: ela saiu dançando.

e eu fui junto.

perspectiva

eu sei que o caminho parece longo, mas o que não te contaram é que até mesmo o mais curto é difícil. você se sente pequena demais, mas os menores passam por lugares onde os que se veem tão grandes não conseguiriam passar.

sei que há um grande nevoeiro à frente, mas existe uma porção de luz o derretendo.

seus olhos encontrarão uma saída.

exatamente como sou

desde criança, eu preferia me fechar nos meus próprios casulos
do que tentar me encolher
e caber nos que não eram feitos por mim muito menos pra mim.

o tempo passou. cresci. mudei.
aprendi que ser mais fechada, com os meus hábitos e manias e gostos, não me
fazia melhor nem pior do que os que me olhavam torto.
eu era apenas diferente. *e sou.*

hoje, continuo sendo de poucos amigos mas agora, pros meus poucos
não tenho vergonha nenhuma de me expor *exatamente como sou*

porque sei que eles vão entender, aceitar, gostar.
agora falo de mim mesma com amor.
e é por isso que eles também me amam.



egoísmo

eu me entreguei como se você pudesse me salvar quando eu me atirasse em abismos.

foi só depois que partiu que entendi como fui egoísta por ter calculado a queda *muito antes do risco*

sem sequer perceber que a única pessoa que poderia recolher meus pedaços e me fazer de novo inteira *era eu mesma*.

gorda e linda

eu odiava o meu corpo minha barriga volumosa meus seios pequenos e as estrias que nasciam sem parar em meus braços, pernas, bunda, barriga.

eu era gorda e tudo me parecia grande demais pra alguém que se sentia tão pequena que caberia em qualquer canto.

não foi de um dia pro outro que a minha visão mudou e deixei de buscar uma perfeição inalcançável.

eu mudei
e anos depois entendi que, mesmo que não mudasse, eu ainda poderia me amar tanto ou mais.

porque o meu corpo sempre foi lindo e real
ao contrário do padrão que eu tanto procurava vestir mas que nunca me serviu:
inexistente
e ilusório.

hoje
revisito a coragem, a determinação, a inteligência escondidas atrás da insegurança
tão grande que só me deixava ver meus próprios defeitos.
então me admiro
e me respeito

sempre.



você não é objeto

quis tanto te ter
que não percebi que eu já era minha
e isso bastava.

serenar

eu quis ser pra você mais do que brisa que acalma e bagunça os cabelos.

quis ser incêndio fogo que consome tudo e deixa cicatrizes pro resto da vida.

quis tanto e com tanta intensidade que acabei te machucando e parti assim como você: dilacerada.

senti o fim doer em nós profunda e ininterruptamente por segundos

horas

dias

meses

tempos aparentemente intermináveis mas já terminados.

agora que o nosso amor se incendiou de vez e se transformou em cinzas eu, livre dele

aprendo a serenar sozinha.

ao meu eu do passado

quero te dizer que te admiro que sei que você ainda não sabe muito da vida que não gosta muito de si e que sente medo de se mostrar ao mundo por conta do que os outros poderiam pensar.

mas você é *incrível*

e ainda vai descobrir muita força dentro de si força suficiente pra se reinventar diariamente.

com o passar dos anos, você cresceu muito aprendeu a se amar profundamente conquistou amigos de verdade

traçou metas e conquistou objetivos.

você destruiu as pontes frágeis que tentavam te levar a novos lugares desconhecidos e únicos

e construiu novas estruturas, muito mais firmes.

foi assim que chegou a destinos inesperados na companhia de pessoas que te admiram tanto, *tanto*

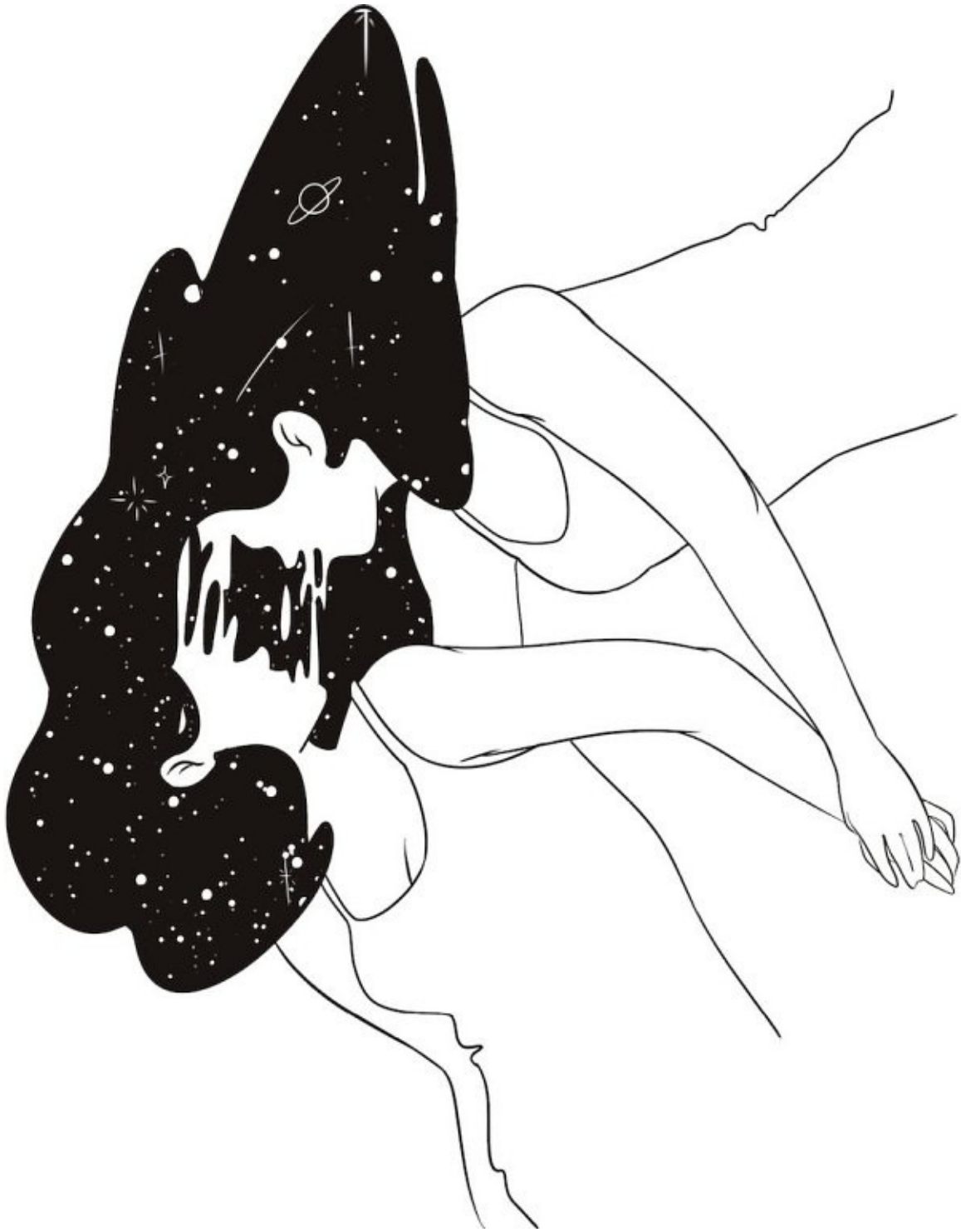
e refletem o que sente por si mesma.

sei que você ainda tem muito a fazer por aqui sei que ainda tocará muitas outras pessoas construirá novos universos particulares e se envolverá em projetos que, agora, você nem sabe que existirão.

você certamente ainda não sente o mesmo mas daqui do futuro

o orgulho que sinto de você é imenso.

obrigada por ter persistido ainda que nem sempre tivesse vontade de seguir e ter se transformado em quem somos hoje.



insubordinação

você falou que eu não sou o suficiente

ser “o suficiente”

é corresponder a todas as suas expectativas

te obedecer

me subordinar?

se sim, fico feliz por ser

o mais “insuficiente” possível.

fênix

todas as vezes que você queimou as vezes que só restaram cinzas as incontáveis
vezes em que quase desistiu as que desistiu foram necessárias pra esse eu que
você carrega as vezes que ocupou seus vazios pra plantar em você novas espécies
mais bonitas

todas elas foram necessárias pra essa sua versão sensível às emoções alheias e
principalmente
às suas.

foram as chuvas que regaram as sementes plantadas nos dias de sol.



escritores

quando perguntarem o que você faz da vida
diga que escreve
e que coloca o mundo sobre seus ombros
pra que o deles seja um lugar
mais fácil de suportar.

quem é você?

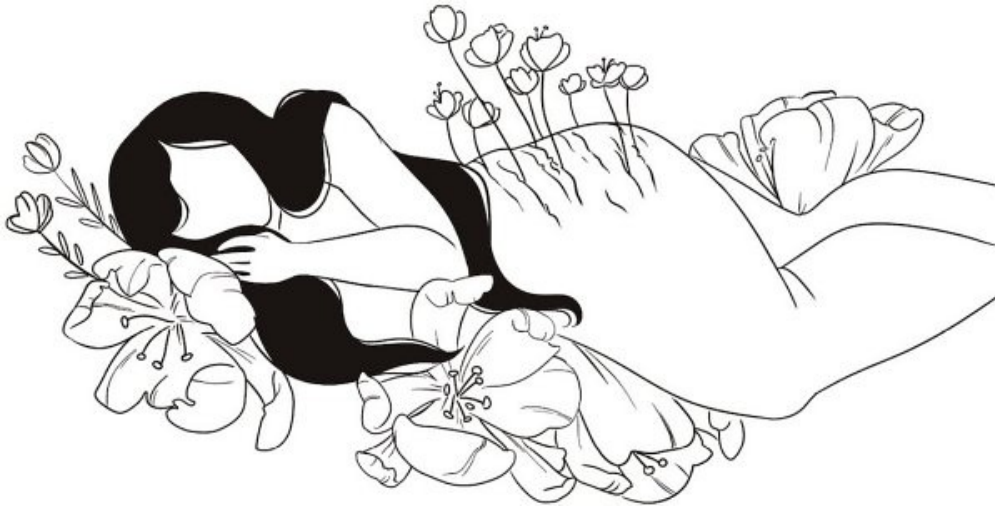
meu corpo é meu

pernas, braços, mãos, pés, barriga, peitos
da clavícula às pintas espalhadas pelo meu rosto
cada curva, cada gordura, cada celulite, cada estria
todos os pedaços.

me pertencem

única e exclusivamente

então, quem é você pra me dizer como ele deveria ser?





maratona

há um raio de sol viajando a anos-luz daqui derretendo, nesse canto do universo,
a geleira que impedia a sua visão deixava-a turva.

há alguém do outro lado do mundo escrevendo pra você não borrar as páginas
porque se sente desqualificada pro seu próprio sonho *arrisque tudo por uma
breve possibilidade*

se você olhar pra trás,
vai perceber que já se passaram milhares de milhas você nunca esteve tão longe
da largada *você nunca esteve tão forte.*

do amor

*todos os caminhos foram apenas atalhos
pro dia em que você me
recebeu e me fez entender
que nem todo mundo é ferida
alguns são cicatriz*



premonição

a primeira vez que te vi
deus sussurrou no meu
ouvido
que você seria
a melhor e a pior coisa

que eu teria

o prazer de tocar e ser
tocado

lego

você vai encontrar alguém que não precisará tentar, como num lego, encaixar todas as cores e fazê-las simétricas

porque ela será sua pessoa independente de.

o silêncio entre vocês não vai quebrar o vidro não vai queimar o ar
não será constrangedor
não trará arrependimentos

o silêncio, pelo contrário, vai desenhar uma história de afeto, e vocês conseguirão
se tocar sem o entrelaçar das mãos

mas quando as mãos se entrelaçarem *ah!*

e vocês sentirem o suor um do outro o corpo do outro sendo parte do seu e o céu azulzinho benzendo todo o desejo ali colocado *é, é algo próximo à conexão.*

você vai encontrar alguém que te olhará tão firme nos olhos que suas pernas vão tremer e anunciar que o carnaval ainda não acabou: tem alguém fazendo do seu coração uma escola de samba e você, como nunca antes, vai *querer ficar* passar pela avenida toda, sem retroceder vai querer sentir cada arrepio, cada veia saltando pra fora do corpo, cada fresta de um sentimento que não nomeamos *e é tão bom*

quando estamos próximos de uma conexão tão pura e sincera com alguém, quando estamos tão próximos de uma verdadeira compreensão mútua do amor ou desejo, quando nada mais importa e a gente não nomeia.

alguém que vai colocar sua mão sobre os ombros dela e dizer que esteve te procurando por muito tempo, em becos escuros e ruas sem saída e que, naquele dia, naquele dia em que vocês decidiram se esbarrar, ela pulou o muro de uma casa pra avistar melhor o caminho que viria pela frente e ela te dirá que não teve medo do caminho quase impossível, porque coisas impossíveis também são

passíveis de mudança.

alguém que vai te beijar tão suavemente a boca que os anjos ao seu redor vão parar por um segundo pra prestar atenção no movimento de duas pessoas que estão prestes a conhecer tudo um sobre o outro e a língua, percorrendo a pele a sensação da intimidade navegando pelo estômago e se transformando em adrenalina o cérebro quando começa a perceber a chegada de alguém novo, alguém bom, alguém com vontade de ficar *e você vai querer ficar também não vai fugir*

vai se vestir do melhor que existe em seus gestos na força em que diz as coisas na maneira única de pronunciar sua poesia no mundo e nesse dia, quando ele chegar – e sem alarde, porque dias como estes vêm num sopro – você vai agradecer
porque está vivo
porque se permitiu
porque deixou um corpo desconhecido chegar e mudar o conceito da palavra intimidade.

quando o amor encontra a cura

você foi a primeira pessoa a enxergar minha covardia de perto. foi a primeira a sentir seu gosto. seu formato. eu nunca tinha ido embora de alguém, tão franca e rapidamente, como aconteceu com você. é que você era bom demais e eu ficava me perguntando se merecia alguém bom demais. constatei que sim, merecia. e depois veio a dúvida se para além de ser bom demais, eu merecia alguém que enxergasse em mim sentidos que eu não enxergava mais. e, sim, merecia. aí que eu tive medo. no momento em que compreendi que você me via com olhos claros e limpos. seus olhos, que eu nunca tinha visto igual, nada diziam sobre beleza. falavam sobre afeto. você me olhou com tanto cuidado que o céu do Rio de Janeiro, em vez de ensolarar, resolveu chover. ele queria regar nossa entrega imediata e cotidiana. você me olhou com a calma que falta ao mundo inteiro e eu me perguntava se merecia aquela calma. aquela. porque se merecesse, então estaria pronto pra dar o passo seguinte. e foi aí que resolvi voltar. resolvi colocar o pé no chão, os olhos na realidade e o corpo no asfalto. foi aí que resolvi que talvez eu não merecesse. e até hoje não mereça. não porque eu não acredite que a felicidade deva me esquentar o peito ou me abraçar com imensidão. não porque eu não acredite que mereça desbravar o amor e o que ele é. não porque eu não acredite em outras vidas, porque até isso você trouxe sob os cílios. eu acredito, sim. eu acredito demais. mas o ponto de tudo era que eu não estava preparado pra mim mesmo. pra quando o peito palpita mais rápido porque tem algo crescendo dentro de nós e já não temos como correr. e eu queria correr. rápido. tão rápido que você não me veria nunca mais. porque algo em mim já não sabia discernir se era amor, desespero ou solidão. porque algo em mim, que crescia como a fome, já não sabia compreender onde é que eu terminava e onde é que você começava. e as vontades precisam ser esclarecidas. os sentimentos precisam ficar tão claros que, ao se perguntar se vale a pena, seu peito dá a mão à sua mente e, juntos, ambos respondem que sim, sem alarde.

e eu queria você sem alarde. não queria ter você como estava tendo: palpitação, pernas trêmulas, *meu deus, ele me respondeu*. eu queria a calma — assim como você carrega — de quem sabe a hora exata de se permitir abraçar alguém desconhecido e aceitar. eu não te aceitei porque não quis me aceitar. não quis me aceitar dependente. emocionalmente desesperado. apaixonadamente perdido. eu

queria e quero, ao gostar de alguém, me sentir encontrado, no lugar certo, com o coração em paz. por isso corri. e continuo correndo. de você. que é tão bonito e, por ser bonito, viu coisas bonitas em mim também. você, que me apareceu numa fase onde eu não conseguiria suportar mais um vazio preso na pele. e que decidi ser hora de me entregar ar fresco, pulmões novos e uma consciência. uma consciência de mim mesmo. eu não poderia aceitar você e aquilo que você é sendo tão incompleto. estando tão à mercê. porque eu não queria ser salvo. porque eu não queria ser curado. porque eu não queria alguém, como quis você, pra suprir algum espaço que ficou e eu não sabia como povoar. seria desonesto permanecer naquele lugar sabendo que você veio tão limpo e era tão livre. quando te vi pela primeira vez, quase te confundi com liberdade.

é dessa maneira que a gente sabe que encontrou alguém especial: quando esse alguém nos dá a efervescente sensação de movimento. quis sair correndo pela cidade quando te vi. quis dançar no elevador do prédio. colocar qualquer música dançante e certa. dançaríamos pelo resto da eternidade. mas eu caí em mim. era eu que estava preso. que estou. e foi aí que você me conheceu. que eu te disse que precisava ir embora. não estava falando só de construir uma relação com você. te falava de uma covardia que sobe nos meus ombros e me alerta: *você ainda não está completo de si mesmo*. não estou. e não queria me juntar a esse caminho com você.

porque queria e quero ser inteiro. quero ser tão completo que qualquer pessoa que venha e me encontre nesta jornada entenda que ela acontece independente de existir ou não um céu azul lá fora. se existe música dançante ou não. se existe uma cidade inteira pra atarmos fogo ou apenas uma rua. se existe apenas nós, tentando qualquer coisa. tentando qualquer coisa que às vezes chamamos precipitadamente de amor. ou se alguém, também precipitadamente por amor, precisa ir embora. e vai.



autenticidade

você não precisa fazer silêncio
 falar baixo
 ser bem-comportada
 se vestir de um jeito inocente

*não precisa mudar por ninguém
 além de si*

quando ele chegar
 te amará por quem você é
 e não por uma versão inventada
 feita pra tapar espaços.

Curitiba

a falha das palavras está no fato de que às vezes elas não dão conta de mensurar aquilo que de fato sentimos. durante meu voo, e agora enquanto volto pra casa, fiquei tateando alguma coisa que fosse exatamente aquilo que eu queria dizer, e não consegui. não consigo arquitetar nada digno perto do que ontem eu e você vivemos, diante daquilo que construímos, de tudo que existiu e existe. eu tava bem nervoso pra te conhecer, mais porque queria saber se o homem sensível que você aparentava ser era real, do que qualquer outro motivo. enquanto tu ria pra mim e me mostrava que não se tratava só de sensibilidade, mas de quando a gente entende o outro e respeita sua essência, eu fiquei ainda mais inclinado a você. queria poder ter eternizado o momento em que deitei no seu peito e pude ouvir as batidas do seu coração, como se elas me lembrassem de que ainda vivo, de que vivemos. e que ali existia algo pra além de conexão. queria poder ter eternizado o momento em que te vi despido em todos os sentidos, do coração à pele, da fala à maneira como me escutava. sinto falta de alguém que me escute, e que me fale. obrigado por ser essa pessoa ontem, e por ter feito da minha noite uma das noites mais marcantes e sensíveis que pude experimentar ao longo da vida. eu não acredito em coincidência, também não sou muito da sorte, mas que bom que o universo nos permitiu o encontro e a redenção. que bom que o universo permitiu que estivéssemos lado a lado, presenciando um o momento mais frágil do outro: quando há a total e honesta entrega pra alguém, sem muitos pudores ou grandes inquietações. te agradeço por ter me permitido tocar em você, porque acho isso uma das experiências mais humanas e íntimas que alguém pode confidenciar à outra pessoa, por ter me deixado confortado na superfície do mundo, me aliviando a tensão de estar ali, completamente nu e frágil. se permitir estar verdadeiramente com alguém e em alguém tem a ver com a forma como nos deixamos ser tocados, e isso ultrapassa a realidade que estamos.

quando te falei sobre o que seria real, tava querendo dizer que as coisas podem não ser reais, mas o que fizemos ali era, foi. o que sentimos um pelo outro e tudo que veio à tona foi tão real, e é tão real, que não caberia em nenhuma definição dada de realidade. é uma loucura pensar que eu estava tão à vontade com você, que poderíamos ter criado sensações por dias e dias. é assim, acho, que

identificamos a finalidade primeira de toda relação: que a intimidade e o silêncio entre os nossos olhares não nos causem espanto, mas sim harmonia. que nossos silêncios nos permitam o vácuo, mas que dentro, lá no fundo, nosso coração esteja sendo embalado pela mais incrível e incandescente paz.

obrigado pela paz de hoje. por tanta coisa que senti e continuo sentindo, e que não me lembro de ter sentido de maneira tão ávida e sentimental em muito tempo. penso que a gente vai se achar e desachar durante a vida, mas que são nesses espaços, nesses micromovimentos, como o nosso num sábado frio da cidade de Curitiba, que a vida acontece e explode. que a gente respira aliviado pelo mundo não ser um lugar tão mau assim.

pelo chocolate, gentileza e afeto. por tudo que você me deu e não sabe. por tudo que ficou aqui e vai ficar pra sempre, eu te agradeço. por você ser tão único, e lindo e, sim, especial.

você é real e eu agradeço demais por isso.

pra quando sangrar

é você quem me estende as mãos, me segura no colo
e me fala que não vale sofrer assim *a vida já pesa muito*
sem que a gente se destrua por isso, amor

você sempre esteve certo então procuro respirar quando dói demais e sua
presença me acalma os medos desenfreados quando você sussurra em meu
ouvido que me entende e está aqui pra quando tudo for demais pra quando
sangrar.

você me ajuda a impedir o meu colapso total
e como é bom poder dizer aos quatro cantos do mundo que eu tenho alguém
maravilhoso ainda que a vida
me cause tantos estragos
grandes
mas nunca irremediáveis.

autoajuda

eu costumava dizer que gostaria de encontrar alguém que me salvasse

mas quando você chegou não me poupou de dias nebulosos e ainda houve dias de chuva dias pesados
e você me olhava da janela e me chamava e me fazia encontrar outra maneira de encarar o temporal.

eu me peguei do lado de dentro com você olhando mais uma tempestade por outro ângulo.

você me mostrou que apesar de as pessoas incendiarem minha pele e me queimarem com palavras ácidas nas paredes do meu corpo eu tinha meus próprios extintores

me ensinou
que eu poderia ser honesta de maneira que em vez de inflamar
fosse como água benta purificasse a alma
de quem eu atingisse

me fez ver que onde um dia me quebraram nasceram galhos e folhas e flores novas
e que havia novos pássaros e novos ninhos

me mostrou que, apesar de tudo ser pesado demais, eu tinha em meu corpo todas as ferramentas que me faziam forte demais.

o que eu procurava o tempo todo estava em mim mesma
e todas as coisas que eu buscava na expectativa de ser salva eram o que me mantinha – apesar de fraturada e sangrando – *viva e sentindo.*



caio

colocar a mão no peito prender a respiração
observar você girando com um cigarro na mão na outra, uma catuaba barata
colocar a mão na sua coxa apertá-la contra a minha pedir perdão a deus antes de
consumar o ato e ver você *correndo correndo correndo*

quem ama sempre está correndo procurando algum ar pra recuperar porque
amar alguém é ir perdendo o ar cotidianamente porque você está entregando a
alguém algo que até então era só seu
sua respiração mais concentrada seu discurso mais inspirador sua intimidade
mais resguardada.
mas então você entrega
e você dá
e você não exige nada
e você corre também
e os dois correm uma maratona toda *quem vai ser o primeiro a desistir da
corrida?*

ele está correndo tanto quanto você você corre aqui comigo
fazemos amor debaixo desse céu carioca o cristo redentor está de costas pra nós
dois temos tudo a perder

mas você está dançando e a música continua ela não para
você também não.

sei que te sinto dentro de mim

e que ninguém nos perdoaria por tentar tão avidamente o amor tentar o amor na
forma mais honesta que há: quando abro o peito, quando deixo ele ser abraçado
por outra pessoa

outra pessoa que pode estar suja carregada do mundo
alimentada por trauma, ego, egoísmo, humanidade mas que permito mesmo
assim o toque a boca na minha
a mão na intimidade que poucos tocaram na minha essência que não entreguei a
muitos agora você a tem.

pronto. cuida dela.
e continua correndo.
corre comigo. corre agora.
corre. corre antes que amanheça e a cidade me entregue a agonia de precisar me
esconder.

de você eu não me escondo.

dedico a júlia rabêlo

adrenalina

estamos tão acostumados a sermos deixados pra trás que quando alguém bom entra pela porta da frente das nossas vidas e diz que quer tentar alguma coisa a gente recua e volta correndo pro quarto chorando

*a gente tem medo de quem traz felicidade
porque não sabemos lidar com ela*

toma aqui, pega
e vai

abre os braços pro amor que pode não ser o da sua vida pra sempre mas será agora
e o que você tem, além do agora?
além desse amor, dessa pessoa dessa sensação na barriga tarde da noite dessa adrenalina que é, meu deus do céu, começar a gostar de alguém
e ser gostado de volta

*é disso que você pode se orgulhar: de ter coragem
de dar a cara a tapa
de deixar sobre seu coração uma sensação gostosa
de quando a gente se sente confortável porque a outra
pessoa existe no mundo
e de não permitir que o medo de algo novo atravesse
o seu olhar*

e é tão boa
essa sensação tomando conta de nós fazendo-nos quase como crianças: ela reparou no seu cabelo, ele disse que seus olhos são bonitos, você ganhou uma série de elogios, impressões e detalhes que até então passariam despercebidos.



estranhos não conseguiriam decifrar o tamanho que você é
como ela faz
e eu te pergunto: *medo do quê?*

o coração pode doer, sim. ele não está imune a isso.
o coração pode parar por uns segundos, também.
mas é a ordem natural da vida: ela rasga, remenda, rasga e remenda.

o coração pode pulsar tanto que você pensará: “é agora que ele sai de mim e não volta”
mas ele, tão esperto, volta sim.
porque ele, ou a sua alma, ou o seu corpo são atestados de que você está sentindo o melhor que pode
de que tem se rebelado contra o medo que às vezes deita nos seus ombros
de que tem tentado (e é tão importante tentar!) não correr da felicidade.

sabe isso que você está sentindo agora?

é um sinal de que está vivo, de que seu sangue ainda dança nas suas veias, de que seu corpo é capaz de fazer dormir o amor de outra pessoa sem que ele queira fugir

*sim, você é capaz de amar
e de ser amado*

e você merece.
por que não mereceria?

então não bata a porta pro amor pra alguém que quer oferecer, talvez, fagulhas que outras pessoas sequer tentaram alguém que talvez, e só talvez, queira lançar sobre você as sensações mais incríveis que você nunca teve a oportunidade de sentir com os que foram embora e perpetuaram algum trauma.

alguém que queira tentar, com você, ser melhor ser alguma coisa
ser qualquer coisa

é o universo
te chamando pra dançar

é o universo te pegando pela mão te fazendo conhecer cada espacinho da sua casa que pode não ser a mais bonita ou estável *mas é o lugar onde o amor dorme* e ele não gosta de dormir sozinho.

culto

presto atenção nos seus olhos apertados nos dentes mordiscando o canto direito
da boca enquanto pensa alguma bobagem presto atenção em você
se arrumando pra foto
o cabelo de lado

tento te conhecer
ocupo minhas células nervosas com seus trejeitos que não podem ser escritos nas
folhas deste caderno porque as palavras não sabem contar enquanto ocupo meu
sistema com um sentimento que não cabe no amor
é maior
melhor

você atravessa as minhas pupilas e queima minha retina com sua luz mais forte
que mil sóis
a mais forte que já me atravessou e cala todos os poetas que já disseram que o
amor dói enquanto sustenta coríntios dizendo que o amor tudo suporta
e me serve de suporte pra depositar tudo o que pende em mim tudo o que
bambeia
tudo o que eu ainda não sei ser.

te observo
construir em mim
o templo mais bonito que meus olhos já fotografaram construído pra, mesmo no
inverno, ser belo *você*
é onde quero dobrar meus joelhos todas as noites e depositar as minhas preces.

descoberta

sem que eu precisasse te apontar meus defeitos e qualidades, você foi me desvendando.

dia após dia permiti que me descobrisse porque, depois de muito tempo sozinha, eu quis ficar.

te olhei por inteiro. vi toda a sua escuridão medos, traumas, decepções, inseguranças.

vi de perto também a luz

talentos, a conversa agradável

carinho

as falas que me conquistaram aos poucos, tão despretensiosas.

e depois de te conhecer tão bem fiz do seu corpo o meu abrigo, sem que você me pedisse pra permanecer. não precisava. a cada dia, quero explorar seus cantos, todos os seus cômodos desconhecidos.

e, daqui, espero que minha alma se torne seu repouso,

assim como a sua é pra mim.

que nos dias mais difíceis você perceba que, comigo por perto, tem alguém pra dividir o peso da vida

assim como sei, e sempre soube, que você estaria pronto pra me escutar quando o meu mundo desabasse e eu não pudesse mais

suportar.

porque o nosso amor é assim.

deixamos, um no outro, o nosso toque a nossa marca.

enquanto guardo um tanto de você em mim

contigo deixo muito de tudo que fui, sou e serei.

apogeu

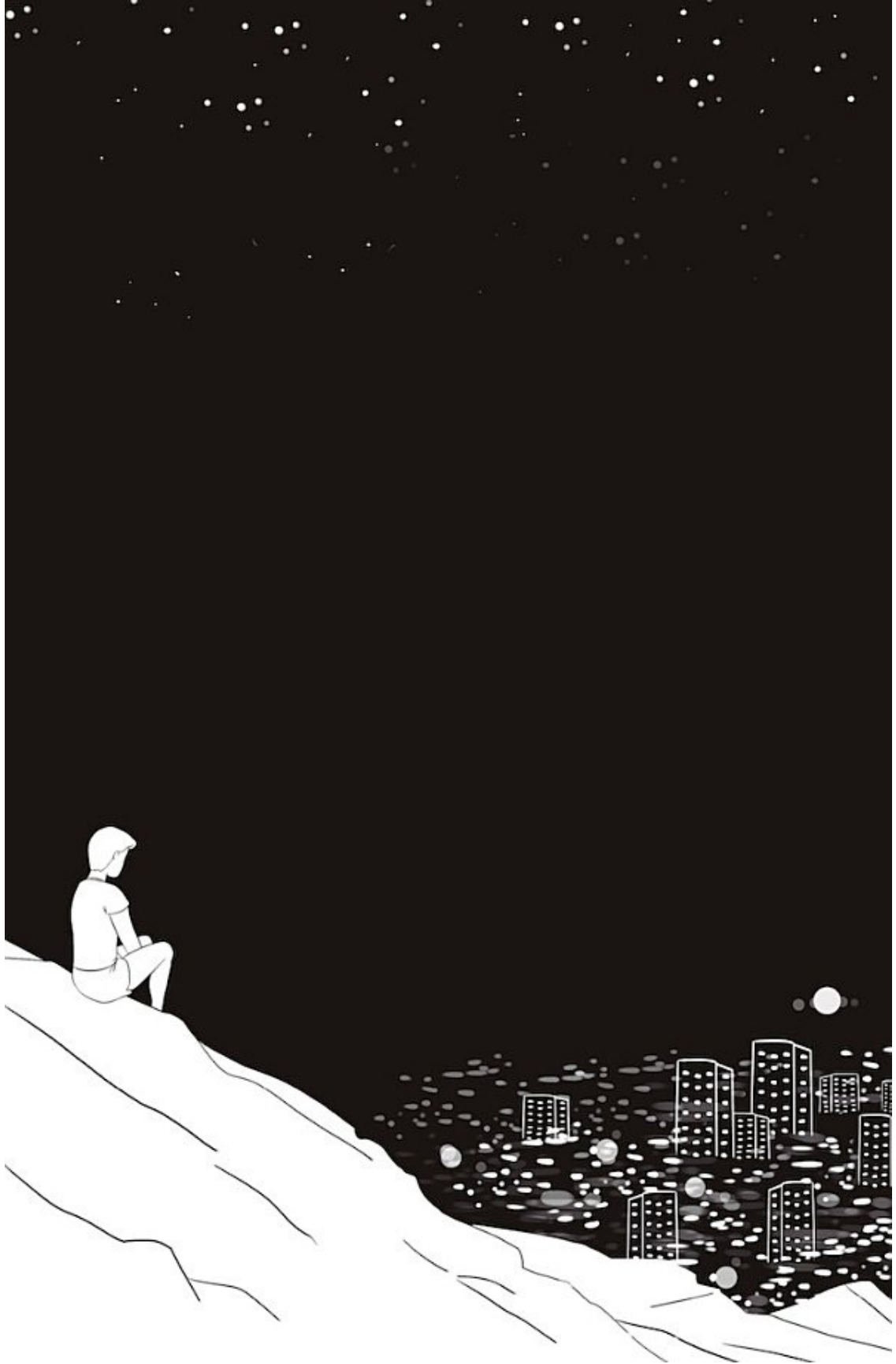
vi uma mina de ouro no seu peito e quis desbravar tudo em você
que me confessou a sua fragilidade
e, sem medo de me assustar, assumiu a possibilidade de ruir.

não tenho medo dos seus escombros nas minhas costas – eu corri uma maratona
e nunca cheguei no final – tenho os meus próprios pesos e sempre os suportei
mas se você não é o prêmio
que se perdeu em algum lugar é meu prêmio de consolação

e eu tenho certeza de que as nossas não-conquistas, as coisas que deixamos de
ganhar porque o que se esperava não foi alcançado, nem sempre são avaliadas
pela mesma perspectiva.

*eu te olho e tenho certeza de que perder
é uma questão de ponto de vista
e daqui
deste ponto em que minha vista te enxerga
você é melhor que qualquer pódio*

o ponto mais alto da vida não se mede em metros porque agora eu experimento
todas as boas sensações que a existência proporciona
e esse é o lugar mais alto em que eu poderia chegar.



moda brega

eu queria gritar seu nome e dizer que você me impregnou com uma espécie de sentimento que hoje, na janta, me fez colocar mais comida no seu prato. eu nunca fui essa pessoa que se renega e ainda não aprendi a lidar com essa minha fé na estrela cadente que passou há alguns dias no céu e me fez involuntariamente pedir que você tivesse paz. eu poderia pedir você pra mim e até isso seria menos eu. preciso de tanto e pedi que *você* tivesse paz. isso poderia ser uma história desses programas bregas. e talvez por isso eu esteja nervosa. porque não é uma história brega. porque chamam de amor essa coisa que me faz ficar ouvindo você cantar atrás da porta porque acho o seu timbre de voz, que nem sei dizer qual é, tão bonito. porque eu usaria aquelas camisetas de casal e me perderia na feira só pra perguntar de você usando a blusa como referência. porque eu escreveria com pétalas na cama: *eu amo você*.

estrela cadente

eu digo que gosto de olhar o céu esperando que estrelas cadentes passem por nossa atmosfera e você me compara às estrelas.

você diz que sou sempre seu pedido e eu sorrio porque você compensa toda a minha falta de fé.

eu me sinto um meteoro invadindo o seu não-espço para, então, me incendiar

e eu incendeio sempre que me percebo invadindo você.

caminho inédito

quero trilhar pelo seu corpo
todos os caminhos por onde ninguém andou
porque preferiram os mais fáceis.



imensidão

*you are everything that you like about you.
it is also what you do not like
and everything that has not yet happened.*

you are the way you style your hair when someone looks at you
and the way you cross the streets as a patient, calm, impulsive, hurried.

you are the way you cry: quietly, controlling your throat that wants to scream, or
freely.

and I don't know if you avoid crying
because you hate the feeling that it causes you or if you like to get rid of everything that
bothers you through tears,

but you are also what you feel about crying.

*you are the way you love:
secretly,
without demonstrating or saying much
or completely exposed,
writing for the one you love, declaring what you feel at all times*

who knows up to a middle-term between both.

it is also the way you dedicate yourself to what you believe in, when you really believe in it.
*try until the end, until there are no more chances
or give up after one or another obstacle.*

you are the one who loves to study, the movies that have become your favorites, the books
that have taught you and decorated your shelves in your room.

it is also pieces of the one you loved for a day, people who changed a little of your
way of seeing the world, of talking to yourself
and of talking to others.

*you are moments from childhood that you no longer remember,
that marked your way of acting in the future,*

a sua forma de fazer determinadas escolhas.

e todas as conversas que um dia te tocaram e que você passou horas e horas repassando na cabeça.

é tudo isso e tanto mais
que, com as palavras disponíveis no dicionário eu não seria capaz de explicar.

*o que posso dizer é que você é assim, desse jeito:
infinita.*

um lugar num mundo inóspito

às vezes sinto que não há espaço no mundo
pra nós dois
mas aqui, dentro de mim,
eu compensaria todo esse chão
que não te abriga
em lugar nenhum
e abraçaria até a parte mais mundana
de você.



Karen

da primeira vez que te ouvi chorar, você conversava com deus sobre não saber se conseguiria dar conta de nós dois e eu sempre disse a todos à minha volta que você era uma das mulheres mais fortes que eu conhecia você chorava em pé, andando *e eu sempre quis colocar sua coragem nos meus ombros e desbravar o mundo*

não sei se o fiz.

quando foi assaltada
eu fiquei em choque vendo a cena acontecer mas seus olhos equilibraram a calma e o pavor de tentar nos proteger e eu soube:

tratava-se de quando você ama tanto alguém que daria sua vida por ele

ainda, quando os pais saíram de casa e o silêncio ficou entre nós
– porque nunca fomos bons com as palavras direcionadas um ao outro – você mesmo assim me manteve perto do jardim pra que eu nunca fugisse ou quisesse ir atrás de outras coisas que não o conforto de ter um lar, mesmo que sem as figuras das pessoas que nos colocaram no mundo eu *vi*: não era só uma mulher sendo incrível forte e extremamente ciente do que precisava ser feito era alguém que compreendia
o laço de sangue que nos unia
e mais do que isso
alguém que decidiu que nenhum laço nos sufocaria a ponto de termos de abandonar um ao outro porque você me aceitou
e abraçou todas as minhas fragilidades e não fez delas um motivo pra me expulsar das suas veias.

hoje
quando você chora escondida
entre seu quarto e o banheiro
me eximindo de saber qual dor dança nos seus olhos eu só peço ao universo

que em mim doa o dobro

*e que nela nasça a esperança
de um amanhecer melhor.*

no meu sangue
você tem renascido também.

tudo aquilo que eu nunca te disse

as palavras sempre morriam na minha boca nas nossas conversas elas nunca fizeram morada nos seus ouvidos só buscaram abrigo num canto escuro do meu peito.

eu quis dizer

*obrigada por ter me dado tudo que eu precisava
eu jamais seria a mesma sem você
sinto orgulho de tudo que já fez por mim*

mas nunca disse todas as vezes que escutei o seu *eu te amo*
retribuí
com um *eu também*.

na próxima conversa eu poderia falar que cresci mas não precisa se preocupar
estou aprendendo a me cuidar mas nunca me esqueço de você porque eu te amo.

também poderia deixar de pronunciar todas as palavras mas, pai,
o meu olhar
tão parecido com o seu falaria por mim
tudo aquilo que eu queria te dizer.



além do amor romântico

por muitas vezes senti o amor quando corri para a orla da faculdade e, sozinha, admirei o sol se pôr em todos os seus tons quentes, tão feliz por ver esse espetáculo da natureza.

quando, num dia comum
minha sobrinha me disse um *eu te amo* inesperado porque a declaração de uma criança é sempre a mais pura e honesta possível e quando minha mãe, depois de um passeio qualquer, me agradeceu pelos momentos juntas e disse que me amava.

ela nunca vai saber a importância desse gesto na minha vida.

senti quando meu pai me perguntou se estava tudo bem
porque ele se importava – e muito – com a minha felicidade.
e eu talvez não tenha demonstrado, mas me tocou e ainda me lembro
e, só por ter acontecido, já me faz melhor em momentos tristes.

senti quando o meu gato passou a cabeça pela minha barriga, pedindo carinho
miou quando me viu chegar
e se aconchegou ao meu lado

e quando saí do trabalho e minha tia disse que estava *tudo bem*
porque oportunidades melhores viriam, e realmente vieram.

senti o amor quando meu tio, tão quieto e reservado, pegou na minha mão e
disse: *estou com você*,
e eu soube que não estaria sozinha nas crises de ansiedade
que me tiravam o sono e me faziam tremer na cama com medo de situações que
eu nem sabia ao certo quais eram.

senti quando minha irmã me disse: *pode ficar na minha casa*
se precisar, se isso te fizer sentir melhor
quando eu mal aguentava o peso das minhas pernas.

eu o vi de perto quando uma amiga mudou seu dia só pra me encontrar

tomar café e falar da vida

pra que, dividindo as nossas dores, elas já não parecessem tão pesadas e quando um amigo me presenteou com um livro, sem motivo especial só porque sabia que eu o leria e ele tornaria os dias mais felizes porque é isso que as boas histórias fazem.

continuo sentindo o amor diariamente nos pequenos momentos, nos pequenos detalhes muito além do romântico e tradicional *e sou grata por todos esses dias* pelos conselhos pela ajuda das pessoas maravilhosas que me rodeiam e até pelos tantos pôres do sol que ainda não vi, mas verei.

sinto o amor agora

ao escrever este texto e me lembrar de tudo isso e meu coração se acalma por saber que ainda vou presenciar tantas demonstrações tão bonitas únicas sempre diferentes de pessoa pra pessoa.

desejo que eu continue sendo capaz de enxergá-lo em todos os pequenos detalhes no sorriso da minha sobrinha no abraço de despedida da minha mãe no sol que se esconde todos os dias, com todo o seu brilho nos cafés com pessoas especiais e nos dias sempre carinhosos com meu pai.

só agradeço

por ter experimentado tantos tipos de amores e cada um deles ter sido assim, como foi indescritível.

Cecília

ela era só uma criança quando descobriu que alguém que deveria debruçar sobre ela todo o amor do mundo reduziu seu valor a nada propôs que não deveria viver.

lembro que ela chorava reclamava da coluna torta dos ombros largos
dos dedos dos pés
e no final salientava
se olhava no espelho e gritava *culpa do homem que me fez*

e eu olhava
e a via tão bonita

mas nossos olhos estavam em lugares diferentes: ela mirava na ferida
e eu em tudo o que ela havia construído ao redor.

casual

you coloca sua roupa mais bonita escolhe minuciosamente o perfume que
melhor veste seu pescoço
testa milhares de vezes a maneira como vai chegar à casa dele
ensaia como será o primeiro oi e já planeja como sua boca dirá o último adeus
antes de sair
pela porta e nunca mais voltar.

you atravessa a cidade inteira numa quarta-feira de clássico entre os principais
times enquanto chove sem parar
e o trânsito dificulta as coisas para a sua ansiedade.

you incha o peito e a expectativa *como será o beijo e o toque*
o sexo e a vontade de saciar
alguma coisa próxima à solidão.

you arquiteta como vai se portar se será mais comedido ou engraçado se
parecerá mais ansioso
ou se a respiração ficará mansa e branda.

you pensa se conseguirá mostrar completamente aquilo que é ou se estará ali só
pra satisfazer uma necessidade básica.

(e como fica a necessidade básica que todos nós temos de sermos
compreendidos?)



você por um instante pensa em voltar atrás voltar pra casa e ficar sozinho tentando não cair no triste jogo que é tentar unir sua pele à pele de outra pessoa sem ao menos saber se ela já foi arranhada e quantas cicatrizes tem.

você por um instante pensa se não estaria sendo só mais um corpo
e se vale a pena, no fim das contas, ser só mais uma maneira de satisfação quando
poderia ser um caminho
pro amor ou algo assim.

mas você vai

ainda que no meio disso tudo tenha se dado conta de que virá embora da mesma
maneira
que está indo: *vazio*.

Paraná

diz que não importa
que o tempo não importa
e que a chuva torrencial dos dias amenos não importa que o calor excruciante
não importa que o medo a desesperança a tristeza e o luto que eles não importam

e que a distância entre o meu corpo e o seu entre minha ânsia e a sua
meu desejo e a sua paz
teu perdão e a minha fé
minha crença e a sua descrença
entre minha boca e o céu da sua diz que não importa
que nada importa

e que os milhares de quilômetros a falta, a ausência
os domingos vazios
e a porta que não abre
as segundas-feiras sem sentido, com os pensamentos mais sonolentos e a
saudades aguda e as terças monótonas
as quartas sem futebol e sem nada as quintas que não chegaram porque você não
estava e as sextas que me convidam pra sair os sábados e os domingos, em
círculos viciosos e que não têm teu nome
– nada disso importa.

diz que não importam as viagens que farei no ano que vem e a minha fome do
mundo, das fronteiras geográficas de fugir de tudo, de todos,
do que pede de mim coragem
diz que coragem aqui é o de menos *que coragem não é nada perto do amor*
e que o amor é tudo
tudo que sempre sonhamos ter
e agora temos.

diz que não importa quanto tempo vai passar até que a gente se encontre
novamente pra tentar de novo, novas formas de se preencher um ao outro

diz que não importa se minha aparência se transformar em uma visão que seus

olhos nunca viram diz que não importa se eu mudar as certezas
a maneira como falo, meu gosto por cinema e se tudo mudar
— meu paladar, meus livros favoritos a vontade de ficar
porque agora eu quero

ficar.

diz que não importa meu cabelo ter crescido os pelos, os músculos, as orações e
que não importa também se hoje sinto receio de você, de nós, de tudo isso.

você chegou tão despretensiosamente na minha vida que já não sei se consigo
ficar aqui enquanto você está aí.

diz que não importa
quanto tempo toda essa loucura vai levar até que a gente consiga olhar um no
olho do outro e agradecer
porque estaremos novamente
frente a frente.

diz que não importa a distância as horas que nos separam
e separam seus braços cercando meu pescoço sua mão na minha todos os dias
tudo o que não temos fisicamente e tudo o que conseguimos recriar.

*diz que não importa
se o amor às vezes habita
corpos distantes
separados pela vida*

*mas os une
na mesma medida
e conexão*

diz.

as mãos pretas e cheias de calos do meu pai denunciam o que a história faz
questão de apagar: existem corpos que foram vestidos pela escravidão e deram à
luz outros corpos
que vieram depois e estão aqui com a cor
a cara e a coragem de lutar
erguer a voz e morrer.

não são só vítimas do país como cria e herança dele
são filhos que, dizimados aos montes,
têm uma única alternativa: *resistir*.

as mãos do meu pai, pretas e cheias de calos denunciam sua jornada de trabalho
acorda às sete da manhã
o dia inteiro fora de casa
aprende a fazer do próprio corpo uma fortaleza imensa e autossuficiente: produz,
de seu suor, toda força que precisará pelo resto do dia.
volta lá pelas sete da noite
e o corpo, cansado, segue respirando sem fardos sobressaltados
porque soube, há muito tempo, que essa seria a única alternativa.

ele criou o próprio caminho da Bahia de Todos os Santos
até a cidade de São Paulo
e enterrou com ele todos os sonhos que lhe foram roubados pelos chicotes que
vieram antes e tentaram calar a voz e o corpo
pelas surras diárias e pela fome que morou em sua boca por tanto tempo.
a fome pro meu pai é eufemismo e por causa dela estou aqui.

meu pai não aguentou somente a fome que escalava seu corpo e sua boca, como
também o calor quente do trabalho e o suor tomando conta de seus pensamentos
afogando-os sobre o que vem depois *qual comida será colocada na mesa*
qual grito, e de quem, será calado
com as horas que ele entrega ao Estado e à vida.

a história vestiu meu pai de desigualdade e hoje ele trabalha três vezes mais pra

que eu consiga andar normalmente pela cidade sem me sentir marginalizado.
ele me entrega esperança nos olhos
quando chega cansado em casa e ainda tem a capacidade de me sorrir e perguntar se está tudo bem.
a voz dele, ainda que depois da exaustão,
consegue ser mais suave que todas as rosas do bairro e a verdade dele, ainda que depois de 300 anos de escravidão, *continua intacta e insubmissa.*

meu pai aprendeu a dizer não quando escolheu continuar sendo o que a história o presenteou a ser NEGRO

e há muitos como ele
e muitas também:

as que voltam pra casa depois de uma jornada de trabalho que suga o espírito e a sanidade mas que ainda conseguem sorrir e se dedicar aos filhos as que deixam as crianças em casa e vão trabalhar por honra à própria vida
e honra à história de continuar fazendo de tudo pra manter seu povo forte, vivo e saudável aqueles que não se entregam, mas permanecem lutando na tarefa de ser a ponte pra um futuro ainda mais *escuro e lindo*
e plantam as sementes colocando na boca dos seus irmãos a história de luta e resistência
nem que pra isso seja preciso morrer e se tornar parte daquele corpo que dá à luz outros
que virão mais fortes
e com mais fome
agora não de comida,
mas de justiça
e de uma roupa que não a roupa da escravidão.

ode ao meu pai e à Marielle Franco

questões de desamor

o que você faz com esse amor quando grita meu nome tão alto que o prédio inteiro ouve a sua raiva?

quando alguém fala de mim e você não me defende mesmo sabendo a verdade a meu respeito?



onde vai parar esse amor quando a casa pega fogo e você não lembra que durmo ao seu lado e corre sem me acordar do meu sono pesado?

quando você não me ajuda a escapar da solidão mesmo sabendo que minhas pernas falham quando eu corro

quando a sua companhia é a própria solidão.

o que vira esse amor quando a sua palavra pesa mais do que a sua mão no meu rosto

quando seu olhar é tão furioso e devastador que um furacão me deixaria menos destruída o que é esse amor quando ele não sabe o que é o amor?

o que é esse amor quando ele não sabe amar?

o que é esse amor quando ele deixa de ser?

companhia

saudade é esse sentimento
que te obriga a inventar cidades
construir pontes
imaginar cenários
recriar pessoas
pra preencher seu coração e
não deixá-lo dançar sozinho no meio da rua
pra não deixá-lo ir aos lugares
sem nenhuma companhia dentro dele.

o adeus

existirá um adeus talvez

depois do fim

você conheça outras pessoas não tão apaixonadas por livros e animais um pouco menos determinadas e carinhosas do que eu

talvez você encontre calor em outros beijos conforto em outros abraços consolo em outros conselhos até mais sólidos do que os meus

mas de longe

de perto

de um jeito ou de outro desejarei o melhor pra você.

sei que mesmo depois do fim o seu coração vai bater de outro jeito *numa batida mais desritmada*

pela lembrança das emoções que causei.

na minha pele

estarão as marcas do seu toque *e talvez um pouco do seu cheiro*

ainda que só eu consiga senti-lo.

amo estar contigo mas já não tenho medo da perda porque ela me lembrará que um dia você esteve aqui *e fez de você um pouco de mim.*

redenção

me ensinaram que gostar de você era pecado,
só que desse eu nunca me libertei.
e se libertação é desobrigar-se de algo
talvez eu nunca consiga.

porque te amar nunca foi uma obrigação.

mudança de hábitos

corto o cabelo
aparo a barba
cresço os músculos, a pele mudo minhas roupas,
deixo que elas tragam cor aos meus dias pinto as unhas

tudo o que como é saudável vou à praia todos os dias deixo o sol beijar meu
corpo e torná-lo dourado, como o teu estudo filosofia e todos os teus pensadores
favoritos
faço silêncio e deixo você falar por horas
dias
semanas

*faço tudo
tudo o que quiser*

me diz o que preciso mudar pra que uma outra versão de mim faça você querer
ficar uma versão de mim que faça você não ir embora e me deixar sozinho aqui
nessa parte do caminho que você não quis morar.

abandono

por que sinto tanta pressa se você está no mesmo lugar
e permanece me acenando com as mãos me dizendo pra ir até você, sem medo?

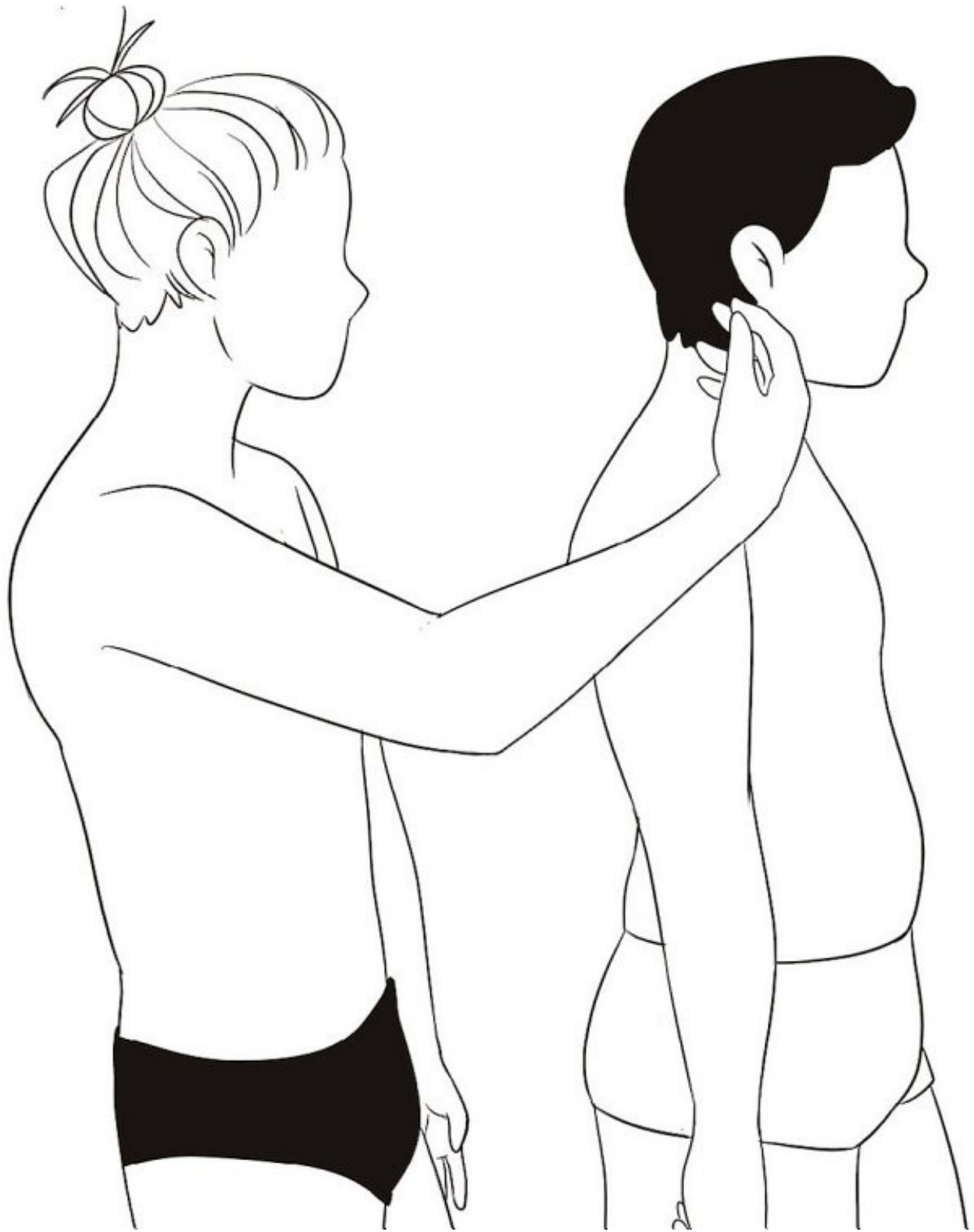
por que sinto tanta pressa e aperto no peito
como se você fosse sumir ou me abandonar de repente como se fosse tão surreal
que eu não seria merecedor de percorrer o caminho tão digno que é o caminho
do amor?

por que sinto tanta pressa em ser amado e preciso da sensação segura de que
você não me abandonará na manhã seguinte ou no próximo mês
ou quem sabe me deixará aqui, percorrendo essa maratona
tão cheio de mim e com tão pouco de nós?

por que sinto tanta pressa em ser abandonado em sentir que você deixará uma
marca em mim e sumirá sem saber que seu DNA atravessou o meu
e agora mora no espaço que existe entre meu sangue e minha pele?

por que sinto tanta palpitação só de pensar em ser tão pequeno e frágil
que o único movimento capaz de sanar tudo seria o de você me virando as costas
quando eu estivesse prestes a te tocar?

por que sinto tanta pressa em passar por esse caminho
se sei que no final
você me deixa
e eu me deixo
e tudo termina como sempre?



sem título II

estou entre a cruz e a espada
esperando que você me chute pra fora da sua vida
sem explicação alguma
como quem está na beirada da despedida antes mesmo
de sentir o que é amar.

por Botafogo

você se pergunta

o que fiz de errado?

na noite passada ele disse que me achava interessante mas depois do sexo nenhuma mensagem ou contato que pudesse fazer de nós pessoas próximas pontes pra um outro lugar que não o da indiferença.

o que eu falei que causou estranhamento?

você se pergunta

porque na noite passada ele colocou as mãos nas suas costas passou a língua por lugares que até então estavam escondidos em que você não sabia que poderia sentir o elixir do prazer.

e depois nenhuma consideração, nenhum pedido de desculpas por isso ou aquilo nenhuma palavra que trouxesse você à realidade de que foi só um momento nada mais

não teve a conversa, o tato ou o choque de que você foi só mais um

mas você percebe, porque agora se sente o ser humano mais deslocado no seio do mundo e nem os braços da sua mãe seguram o soco que é a ausência dele nem os lugares mais confortáveis da casa dão conta de dialogar com os vazios que se arquitetaram nos seus ombros

muito menos os dias seguintes serão capazes de carregar o peso e o fardo da sensação de abandono

que circundará sua pele toda vez que pensar *o que fiz de errado?*

você se pergunta o que fez ou disse ele falou que você era tão especial que poderiam passar semanas e quem sabe anos na mesma posição desconfortável, mas olhando um para o outro.

ele te envolveu em fantasias tão incríveis que seus olhos não verão o mundo real tão cedo ele te abraçou sem pedir força ou interação só paz.

e depois de ter te colocado em um quase sonho tudo o que resta na sua cabeça

são os gestos e movimentos que você poderia ter feito e não fez os discursos que poderia ter feito enquanto vocês falavam sobre Cuba
as encenações pra captar o sorriso que, nele, se transforma em sinônimo de celebração ou a maneira sutil de talvez
(e o talvez é o que mais dói) tê-lo encantado a ponto de deixá-lo com alguma parte sua.

e você se pergunta se durante toda a noite pelo menos uma parte sua ficou estagnada na memória dele
e se ele vai se lembrar do cheiro da sua pele da forma como olhava em seus olhos encarando-o como uma obra de arte intocável *será que ele vai guardar a memória*
de mim olhando pra ele
e colocando a mão em seu rosto pra extrair um pouco mais
de afetividade
conexão emocional

você se pergunta no dia seguinte *o que será que ele viu em mim*
pra me levar à casa dele
despir meu corpo e minhas amarras colocar sobre mim tanto afeto e ternura.
o que será que ele enxergou no meu corpo destoante e desengonçado
o que será que o fez perceber
agilidade nos meus braços
ou beleza nas minhas mãos

qual é o meu problema?
você se questiona
porque não acredita que alguém possa gostar de você ou querer te dar o prazer que o mundo te rouba.

você se questiona se o motivo pra que ele não ligue seja sua expansividade ao falar de si mesmo ou a sua fome exagerada: do mundo das pessoas, das coisas da vida.

se ele não ligou ou não disse um oi porque se dissesse estaria confirmando interesse e interesse, a essa altura da vida, é cafona demais e ele não quer ser cafona.

se ele não ligou pra não parecer afetado demais ou por parecer afetado de menos
se ele não respondeu sua mensagem porque está trabalhando muito
se trabalho e conveniência dão as mãos e te empurram pra escanteio se todas as
desculpas pra não ter você novamente são tão
plausíveis que argumento nenhum seria ou é
capaz de destruí-los
e ele não quer ter o trabalho de explicar
por qual razão usou seu corpo e depois o descartou.

o que é que ele viu em mim?

atravessa sua mente como um trem desgovernado atinge o ápice da sua
insegurança anda de mãos dadas com vários abandonos que já dormiram com
você em noites sonolentas e obscuras pega na sua mão e te guia pra pensamentos
ainda piores sobre si mesmo *por que ele pediu pra que eu não parasse?*
por que ele pediu pra que eu continuasse dentro dele?

e de um dia pro outro do dia em que o prazer foi nossa terceira perna pro dia em
que você me entrega a indiferença choro e perco o fôlego
e volto a me questionar
por quê?
por que me sinto tão insuficiente?

você se pergunta

o que é que fez de errado

qual cicatriz do seu corpo o afastou qual pensamento incitou nele uma rejeição
você se pergunta

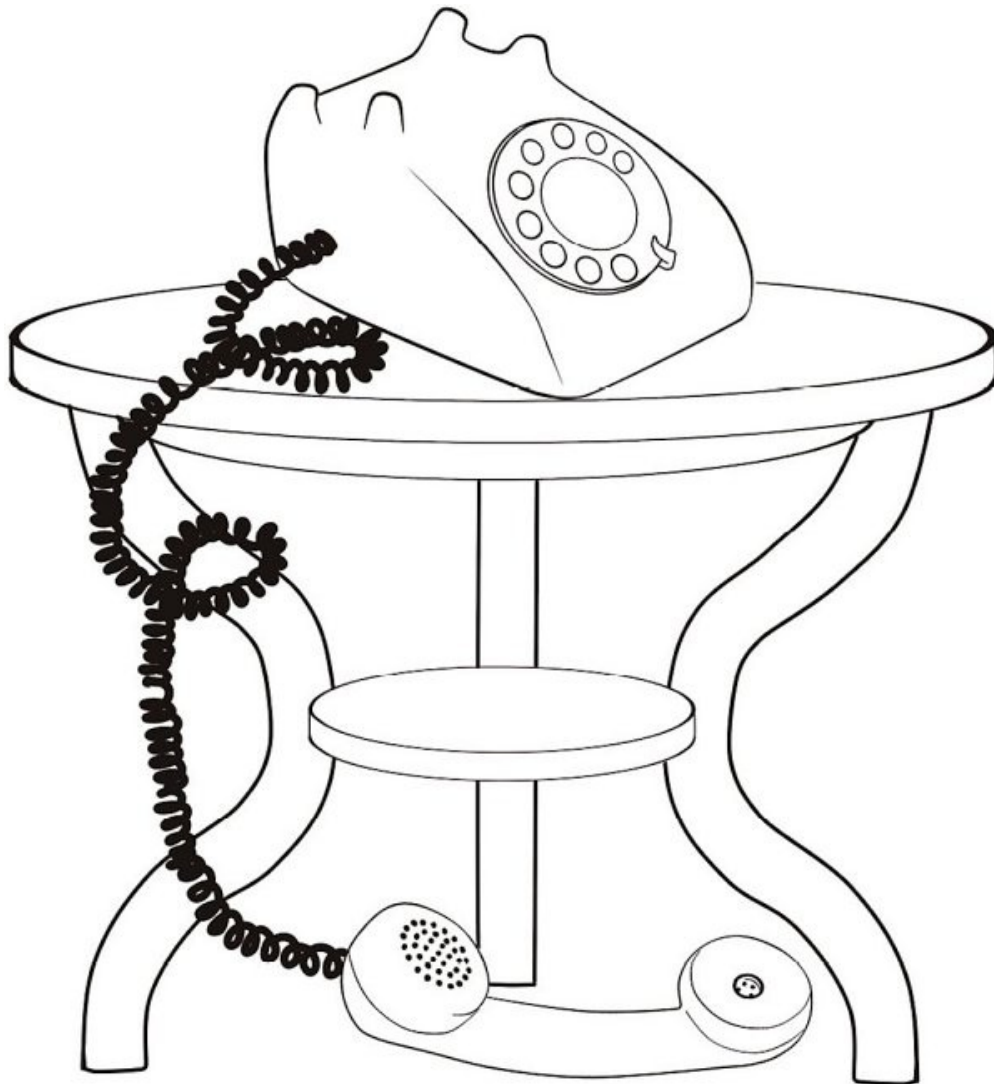
por que se sente sempre tão descartável como se cada parte de você fosse tão
dispensável que nem pro dia seguinte servisse você faz tantas perguntas e
nenhuma mensagem pra respondê-las nenhum sinal de que existirá a ponte pra
qualquer outro sentimento além da indiferença nenhum choque de realidade que
te acorde do sonho em que ele criou e colocou você.

tantas perguntas

e a resposta ainda não veio e não virá nunca.

sobre telefones que não tocam

você sempre acha que será a pessoa do dia seguinte
até se dar conta de que não.



desarmônico

*não posso te amar da maneira mais pura e plena
sem antes ter esse amor por mim mesma*

não porque a falta de amor próprio deixa que você me ame de qualquer jeito,
porque seu jeito doce de amar não me destrói, mas não posso acreditar que você
é honestamente paciente comigo

se eu mesma me minimizo pela falta de equilíbrio e agilidade.

não tenho nenhum papel nenhum poema

nada

sempre apago tudo

porque acredito não ser boa o bastante como você acreditaria?

não consigo acreditar que você me entende se eu me questiono.

seus elogios talvez sejam mera conveniência porque me olho no espelho e não
gosto do que vejo.

as suas verdades são uma roupa que não me cabe e não sei até onde posso ir
respaldada pelo seu amor mas sei o quanto isso pode ser perigoso pra nós.

queria ser médica

achava que quando a ciência não desse jeito o amor daria
e eu tinha tanto pra oferecer às pessoas!

ainda acredito nisso

só que hoje eu entendo

que o amor só dá um jeito em alguém se esse alguém o usar pra potencializar seu
afeto por si mesmo.

nosso amor pode ser anestesia

mas não cura

e o efeito sempre passa.

preciso encarar o vazio do meu peito e aceitar que ele tem exatamente a *minha*
forma.

fevereiro e março

como é possível você ter ido embora
num domingo de carnaval
mas meu coração ainda sambar
toda vez que ouço sua voz?

pele, músculo, coração

depois de você,
comecei a acreditar que todos os outros eram apenas detalhes pra algo maior que viria e deitaria todos os meus medos em camas confortáveis e lugares que poderiam me suportar.

os outros não teriam o tato que você teve pra domar os meus leões internos.

eles não teriam a capacidade que suas mãos tiveram de descobrir cada ferida que descansava na minha pele *porque eles sequer sabiam que elas existiam.*

e você, mesmo sem saber, me desmanchou e me fez experimentar uma pele limpa sem poros sujos ou feitos de abandono porque você a vestiu com a sua própria pele e já não éramos dois
éramos um.

depois de você,
passei a crer que os outros homens pelos quais me apaixonei foram apenas frestas pra uma luz maior que viria e adentraria todos os cômodos da minha casa sala, cozinha, banheiro.

todos os lugares tinham o comprimento da sua luz e o tamanho do seu sorriso quando ele decidiu entrar em mim.

os outros não se importavam se eu tinha muito ou pouco brilho
nem sequer lamentavam que, às vezes, minha casa fosse um breu.

você também não se importou, é verdade mas, mesmo assim, decidiu que me iluminar seria o mais correto a fazer.

então, num sábado de carnaval, você me acendeu os olhos, pra enxergar a vida de maneira clara e completa a boca, pra que eu pudesse sentir o gosto macio do mundo sobre mim
e as mãos, pra que eu pudesse tocar em tudo que energiza e chama o ser humano pra dançar.

depois de você,
passei a acreditar que todos os caminhos foram apenas atalhos pro dia em que
você me recebeu nos seus braços e me fez entender

que nem todo mundo é ferida.
alguns são cicatriz.

você já veio costurado pelo tempo e eu ainda precisava me curar.

os outros,
ao contrário de você, não saberiam como colocar os pontos sobre a minha pele
nem teriam paciência pra rir das minhas metáforas mal-feitas e do meu trejeito
ao falar *mas você fez com que*
eu tivesse calma
e flutuasse com as palavras

e foi aí que estabeleci conexão entre meu coração que pulsava
e minhas mãos que escreviam.

depois de você
passei a acreditar que todos os outros foram apenas demonstrações do que é
gostar de alguém porque o que você fez foi me mostrar que nenhum gostar
suportaria *a distância e o medo de perder*

e porque a paz de quando o outro bate a porta e vai embora é um sinal de que o
amor é crescido e está a par de todas as condições.

os outros não saberiam colocar minha alma pra dormir em dias mansos e
serenos
nem tentariam reconquistar minha respiração num momento de crise e pânico e
você faz isso só de me olhar nos olhos e sussurrar que a vida é linda
por ter nos colocado lado a lado e também porque é real
e não me nega sua existência
da maneira mais honesta possível porque você chegou aqui sendo cicatriz,
enquanto eu era ferida

e por causa disso,
aceitou me segurar na queda que é começar a perder o medo

a perder o ar a perder tudo que veio antes e me fez tão mal pra começar a sentir
outras sensações e sentimentos ganhando forma e densidade

outras sensações me queimando o corpo e dizendo a ele:

*está tudo bem.
desse tipo de amor
você não morre.*



fragilidade

acontece sempre quando me abro um pouco mais. quando digo: agora é o momento. quando preparo meu coração, quando digo a ele que está na hora de inflamar. acontece quando decido abrir os olhos e o peito. quando já não tenho tanto medo a ponto de não tentar. aí é que eu tento muito. tento com tanta força. e com a bravura de quem, finalmente, vai encontrar algo. acontece sempre quando estendo um pouco mais a pele. quando recupero todo o fôlego que consigo. quando estou mais forte e aparentemente curado. quando a cura em mim já não é remédio, mas sim convencimento. quando acho que consigo receber a pancada. o golpe. o soco no estômago. a notícia ruim.

acontece e eu vejo que não.

nunca estarei preparado. minhas pernas, trêmulas, também não. e a respiração pesando os olhos, a cabeça, o corpo. tudo me diz que não aguento. não fui feito pra aguentar.

e confesso, depois de me preparar com tanto afinco pro amor: não consigo. não assim. não com alguém indo e voltando na mesma medida que diz me amar.

não assim.

quando vejo de tudo, menos amor.

acontece sempre. quando abro o coração um pouco mais.

crenças inerentes

construímos nosso amor numa curva da morte. algumas coisas estão mesmo predestinadas a dar errado.

e não é que o amor nos deixe cegos e nos faça apostar tudo em um jogo que sabemos que vamos perder. é que ele nos faz ter fé. eu tive fé em nós. acreditei que todas as pendências um dia seriam supridas. que teríamos algo saudável e bonito. algo como nas histórias em que duas pessoas completamente diferentes se apaixonam e, depois dos contras, algum pró as junta. mas não tem como evitar. na curva da morte, enquanto um saía e o outro voltava, trombamos em nós mesmos e nos destruimos.

o amor não é tudo, é o que dizem.

onde o construímos também importa.

o amor não é um acidente.

ninguém deve sair ferido.



apartamento 411

da sacada do meu prédio
sua presença é o único raio solar que não avisto suas pequenas mãos são o único
lugar em que não posso me projetar
seus olhos guiando meus passos *são o caminho que não tenho*
e não me atreveria a inventar.

desde que você foi embora meus olhos fitam o vazio, imaginando o quanto de luz
tem entrado pela cicatriz do seu peito e pra qual casa você tem levado seu corpo
cansado

quais camas têm amortecido
a queda que é estar longe do que deixamos aqui, das palavras trocadas com
gratidão do beijo nas costas que entregamos um ao outro e do amor.

da sacada do meu prédio
a única petição que faço é pra que o universo proteja sua pele dos arranhões de
ser tão impermanente porque você não tem culpa de ter nascido livre e nu e eu
desejo:

que ele saiba que o amei com todas as forças

que existiam em mim e eu mal enxergava

até você chegar e descobrir nos meus olhos uma força de amar alguém tão
rapidamente tão grande

que o tempo não seria parâmetro pois não caberia na metáfora.

eu gostei de você tão rápido que microssegundo algum poderia capturar o
momento em que meus olhos vestiram os seus com paixão e, a partir daquele
encontro, nossas vidas foram marcadas pra sempre.

olho pela janela e não enxergo nada.

o café da mesa vai esfriando e me contando de você, que foi embora.

a cama, perto da parede onde seu corpo dobrou o meu, também nada diz sobre a
noite em que contamos as estrelas e as nomeamos com os nossos nomes
preferidos pra possíveis filhas.

tudo tem perdido um pouco de você do carnaval até a páscoa meu coração
desinchou seis centímetros e meu sorriso ganhou uma forma triste.

nada me toca demais e nenhum outro entrou em mim com ternura e cuidado
nenhuma mão como a sua consolou a minha entrega e nenhuma fé na
humanidade resgatou minha vontade
de absorver o mesmo ar que você respirou.

do parapeito da janela tão distraidamente ainda tento captar o gesto
e o momento exato em que a luz pousou nos seus ombros e fez deles uma escada
pro seu rosto
pra que eu visse que você não só era bonito como também era um desses caras
que não vou encontrar em trinta, cinquenta anos e que nem quero, porque
encontrar pessoas especiais requer do nosso instinto um senso de proteção e nós,
humanos, nunca sabemos como proteger.

*confundimos proteção com posse
e às vezes ferimos por querer demais*

e eu não te queria
não assim
não como quem respira o mesmo ar e sente graça no movimento.
eu queria que você tivesse o seu respirar e eu o meu e nós dois existíssemos na
mesma frequência e emoção.

a casa tem perdido tudo que você deixou aqui os móveis não sentem mais seu
sangue correndo quente por onde suas mãos experimentaram o gosto das
minhas quando você deslizou os pés por entre os meus e nos agachamos pra
observar a estranheza que é duas pessoas
que acabaram de se conhecer,
dizendo tantas palavras com a pupila dos olhos.

no banheiro do apartamento, quando me abaixei pra sentir seu cheiro e me
certificar de que aquela fração do tempo era real e resistiria aos piores dias
depois-de-você *mas não está resistindo*

não está

já não consigo me lembrar da sua luz misturada à luz do sol na janela da sala e
minha mente já não viaja tentando acertar qual altura você tem
e se seus olhos eram azuis ou de um verde muito escuro se sua barba começava e
terminava no rosto ou se terminava no pescoço
pra depois ir pro começo do peito e pro fim de tudo.

ME DIZ, ME DIZ COMO EU FAÇO PRA GRAVAR VOCÊ

porque você foi tão bom e rápido que às vezes penso que vou te esquecer completamente mas ao mesmo tempo não

que pessoas especiais entram na nossa vida no momento mais caótico e nos apresentam um mundo

e uma nova maneira de tocar

de enxergar

e de experimentar

a sensação poderosa que é gostar e depois, quando o gostar já não se espalha só pelo corpo como também adentra os objetos de casa as facas, garfos, os lençóis da cama, a cama e os pés da cama

e depois o espelho do banheiro e a televisão de casa

e o sofá em que você deita tão despretensiosamente.

o gostar está em tudo

[e você esteve] em tudo.

você não percebe

só se dá conta quando finalmente ele vai embora vai levando as malas consigo

vai carregando tudo que construíram as memórias ternas e afetuosas os diálogos sobre o preço do pão *por que no seu estado chove mais do que no meu?*

os planos de se ver daqui a um tempo.

sinto seu cheiro no vento suas fotos ainda estão no meu celular estou naquele momento de decidir se excluo ou se deixo e me permito recordar da pessoa incandescente e cheia de luz que você foi.

se passo as tardes no parapeito da janela respirando um pouco mais de você, pra te manter por perto

ou se finalmente te deixo ir de tudo se te deixo ir de mim.

sobre ir embora

como posso tentar amar outra pessoa
se o único gosto que provei do amor
tem a textura da sua língua
o cheiro do seu pescoço
e o calor das suas mãos?

alguns dias você sentirá seu peito em dormência. você encontrará uma zona prazerosa que não vai demandar nada de você, nenhum gasto de energia, nenhum esboço de afeto, nem de raiva, nem de amor. você se perceberá seguro, porque não sentir nada também é não doer, e isso é convidativo. mas outros dias, sem que você tenha nenhuma pretensão, o amor despertará. ele vai chegar roubando a cena e dará um baile em seu peito – no mesmo espaço em que você se encolhe de medo e descansa das guerras, você perceberá que também pode festejar. e então o amor vai te chamar pra dançar e te ensinará novos ritmos. e você perceberá seu corpo fazendo movimentos que nunca pensou que fosse capaz e produzindo formas de amor que nunca imaginou tocar.

o amor despertará em você, e então você perceberá que não nasceu pra outra coisa senão amar.

você não vai querer fazer outra coisa senão amar.



www.textoscrueisdemais.com
facebook.com/textoscrueisdemais
instagram.com/textoscrueisdemais
youtube.com/textoscrueisdemais
twitter.com/textoscrueis

TCD



Igor Pires | escritor | IG: [@heyigu](#)

a essa altura do campeonato, escrever me possibilita contar histórias sobre pessoas que amei, derrubar os altares que pra elas eu construí, eternizá-las e me eternizar. e que privilégio incrível é poder receber uma missão tão linda. que bênção é sentir que estou documentando uma parte minúscula, mas poderosa, da vida das pessoas — e da minha também.



Gabriela Barreira | designer | IG: [@gabsbarreira](#)

hoje, participar da TCD deixou de ser estranho e passou a ser desafiador. fazer parte de um projeto literário sendo designer, e não escritora, faz com que meu trabalho tenha que se conectar ainda mais com a escrita, com os autores e, o mais importante, com nosso público. entrando em contato com esses processos, essas pessoas e essas emoções, cresço como profissional e como pessoa a cada dia.



Letícia Nazareth | escritora | IG: [@leticianazareth_](#)

desde que comecei a escrever na TCD, me descobri muito maior do que eu pensava ser. com o olhar e a delicadeza dos leitores, aprendi a não só olhar as feridas: passei a conhecer e cuidar de cada uma delas até que, aos pouquinhos, deixassem de doer. é uma honra saber que posso ajudar outros com histórias tão minhas mas que, a partir do momento em que são escritas, passam a ser de todos.



Malu Moreira | escritora | IG: [@maluhmo](#)

gosto muito de uma frase de Kafka que diz: “apenas deveríamos ler os livros que nos picam e nos mordem”. a TCD tem exatamente isso. quando eu era apenas uma leitora do projeto, ela foi um cutucão na costela que me acordou pra vida. é uma lisonja saber que hoje faço parte desse compilado de textos tão vivos e crus que picam e mordem tantas outras pessoas.

Copyright © 2019 by Editora Globo S.A.

Copyright do texto © 2019 by Textos Cruéis Demais Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação *etc.* — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Editora responsável **Veronica Gonzalez**
Assistente editorial **Júlia Ribeiro**
Texto **Igor Pires, Letícia Nazareth e Malu Moreira**
Capa e diagramação **Gabriela Barreira**
Revisão **Milena Martins**
Ilustrações **Julio Almeida**

Editora de livros digitais **Lívia Furtado**
Conversão para e-book **Joana De Conti**
Revisão do e-book **Fernanda Dias**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

1ª edição impressa, 2019
ISBN: 978-85-250-6665-7

1ª edição digital, janeiro de 2019
ISBN: 978-85-2506838-5

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S58t

Silva, Igor Pires da

Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente : onde dorme o amor [recurso eletrônico] / Igor Pires da Silva, Letícia Nazareth, Malu Moreira ; ilustrações Julio Almeida ; capa e diagramação Gabriela Barreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2019.
recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525068385 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. I. Silva, Igor Pires da. II. Nazareth, Letícia. III. Moreira, Malu. IV. Almeida, Julio. V. Barreira, Gabriela. VI. Título.

19-54624

CDD: 869.1
CDU: 82-1(81)

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Rua Marquês de Pombal, 25 – 20230-240 – Rio de Janeiro – RJ
www.globolivros.com.br